

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

WAIWAI YANA KOMO

Rotas de transformações Ameríndias. Um estudo de caso na região das Guianas

ALEXANDRE ANICETO DE SOUZA

**Manaus /AM
2018**

Alexandre Aniceto de Souza

WAIWAI YANA KOMO

Rotas de transformações ameríndias. Um estudo de caso na região das Guianas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof^o. Dr. Carlos Machado Dias Junior

**Manaus /AM
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S729w

Souza, Alexandre Aniceto

Waiwai yana komo: Rotas de transformações ameríndias. Um estudo de caso na região das Guianas / Alexandre Aniceto de Souza. 2018

102 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Carlos Machado Dias Junior

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Etnologia Indígena. 2. Organização Social. 3. Waiwai. 4. Povos Misturados. I. Dias Junior, Carlos Machado II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Alexandre Aniceto Souza

Dissertação apresentada como pré-requisito à
Banca Examinadora do Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

Banca Examinadora

Prof^o. Dr^o. Carlos Machado Dias Junior- PPGAS/UFAM
Presidente da Banca

Prof^o Dr^o. Gilton Mendes dos Santos PPGAS/UFAM
Membro Examinador Interno

Prof^o. Dr^o. Márnio Teixeira Pinto PPGAS/UFSC
Membro Examinador Externo

Dedico este trabalho aos WaiWai e também aos karapau yana/enxapu-komo/povo-visto. Um coletivo humano que se transforma desde o princípio e, a partir dos anos 1980, se juntou aos WaiWai e viraram os Karapau yana.

(Aos WaiWai)

AGRADECIMENTOS

Por meio desta *Meurixapu/escrita* venho agradecer cada um que tive comigo nessa caminhada, de dias, noites, semanas... A todos que fizeram parte do meu trabalho me incentivando a desafiar esse estudo, e conquistar mais um objetivo de me tornar antropólogo. A experiência desse estudo para mim foi muito transformadora. Para os WaiWai a ideia de um indígena ser antropólogo não é uma coisa muito boa, mas passei acreditar que eles iriam entender e aceitar a minha pesquisa centrada no diálogo entre o universo WaiWai e o mundo acadêmico. Descobri e afirmo para meu povo WaiWai que que nos como indígenas dentro da academia temos a oportunidade de estudar, pesquisar e escrever sobre sua própria história. Agora podemos também cruzar nossos conhecimentos indígenas como WaiWai com o conhecimento antropológico e depois disso tudo retornar para *casa/oyeuton* com uma segunda visão que ajuda a enxergar melhor muitos aspectos de nossa própria cultura e tudo que está em nosso entorno, refletindo sobre fatores do nosso mundo e do mundo ocidental que nos vivemos. Foi um processo de aprendizado e maturidade profissional o percurso do Mestrado, um grande ritual de passagem, uma verdadeira transformação para mim, tanto como acadêmico como também um WaiWai em processo de conhecimento no mundo acadêmico.

E pela sensação do dever cumprido e pelo nível de satisfação pessoal e profissional, agradeço a *Deus*, por ter me permitido escalar e alcançar o meu objetivo. Pelas tantas conquistas em minha vida, acredito que sem essa força sobre humana nada disso teria sido possível. Mesmo contra alguns WaiWai que não queriam que eu estudasse antropologia, outros me deram incentivo e acreditaram na minha capacidade, acreditam que somos capazes de levar o nosso conhecimento para fora. Sei que existem muitos que acreditaram em mim e tenho certeza que não decepcionarei ninguém, por isso tenho muito a agradecer.

Minha eterna gratidão a minha esposa Sydia e meus filhos Aysha, Enzo e Hector, por existirem e ficarem sempre ao meu lado, oferecendo forças para dar a continuidade na construção deste trabalho.

Aos meus queridos Pais Ñawñawa e Belinda, pelo incentivo e apoio em todos os momentos de minha vida, ensinando-me que a coragem, humildade e o bom caráter serão sempre virtudes fundamentais para se conseguir realizar sonhos.

Agradeço também ao meu *Oyakrono/amigo* e orientador Carlos Machado Dias Junior (*Yawaka*) por sua paciência e respeito às minhas escolhas de definir minhas

orientações teóricas e também a prática por sua compreensão, possibilitando ampla discussão das minhas escolhas e que além de seu papel brilhante de orientador, acreditou na minha potencialidade para desenvolver esta pesquisa complexa (e perigosa?) sobre os WaiWai. Tive todo suporte necessário para que esta dissertação fosse concretizada a partir do meu esforço.

Agradeço também aos professores da Banca Examinadora de Qualificação: *Gilton Mendes dos Santos e Rubens Caixeta de Queiroz*, que muito contribuíram com brilhantes e importantes pontuações de conhecimento para o melhor aperfeiçoamento de minha proposta de pesquisa.

Aos meus eternos amigos que estudaram comigo: Diego Darllison, Jaime Diakara, João Paulo Barbieri, Marla Elizabeth Reis, Jucelia Caroline, Romy Cabral Guimaraes, Dani Colares, Renato Fernandes, Luana Villas, Natã, Bruno Caporrino, Ernesto belo e aos amigos Tucanos por existirem, pela amizade verdadeira e pelo apoio nos momentos e aprendizagem na sala de aula, João Paulo, Dagoberto, Diakara, Gabriel, Justino Tuyuka, Silvio Bará. E resumindo às turmas de Mestrado e Doutorado (2016-2017) pela amizade construída, pelas discussões e reflexões antropológicas em sala de aula e pelos bons momentos de debate.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas – PPGAS/UFAM e aos professores (em especial *Raimundo Nonato e Ana Carla Bruno*) pela receptividade, por ter tido espaço fundamental de aprendizado teórico e metodológico, sobretudo, pelo desafio lançado a mim de realizar uma Antropologia dialógica com conhecimento WaiWai. À secretária *Franceane Corrêa*, sempre querida e prestativa. Aos pesquisadores do NEAI/UFAM. Também ao – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq, por me conceder a bolsa para me manter em Manaus.

E, com muita gratidão, ao meu povo WaiWai, o povo da minha inspiração que através deste busquei compreender suas dinâmicas, mudanças e transformações que vivemos. Agradeço às *comunidades* WaiWai, que contribuíram e facilitaram a realização da minha pesquisa no Anauá, no Jatapuzinho e no Mapuera. Prometo ao final disso tudo dar um retorno para os WaiWai sobre os conhecimentos adquiridos na academia. A eles devo a possibilidade de compreensão dessa trajetória tão essencial para que eu pudesse compreender melhor o universo WaiWai do qual faço parte.

Quero agradecer também muito especialmente à minha querida avó Ahmori que faleceu pouco antes de eu finalizar meu mestrado e nos seus últimos dias de vida, com

coragem e sabedoria, contou-me histórias que eu nunca tinha ouvido. Muito obrigado minha querida avó. Descanse em paz eterna.

Do mesmo modo, meus agradecimentos especiais ao finado Pararaka que também se foi pouco antes de eu terminar meu mestrado. A *Pararaka* e aos meus amigos Wakara, Wayamari, Waykarawa e suas mulheres Maxwo, Kuumi, Wepaxi. Pessoas queridas que, a partir de 1986, os WaiWai passaram a chamar de Karapauyana. Essas pessoas foram muito importantes para o desenvolvimento do meu trabalho, pois com eles eu aprendi e comecei a entender melhor a história desse grupo, WaiWai. A partir da amizade que fiz com cada um deles.

Minha eterna gratidão.

Amñe Hara!

RESUMO

WaiWai é um coletivo ameríndio complexo, com a maioria de falantes da família linguística Karib, que até os anos de 1950 vivia espalhado em casas *coletivas/Umana* localizadas entre os dois lados da Serra do Acaraí, divisa do Brasil com a Guiana. Este coletivo, a partir do convívio com missionários, decidiu se unir e viver em grandes aglomerados denominados *comunidades* WaiWai. Por isso considero que somos um povo misturado. E, com essa afirmação, argumento que na atualidade os chamados WaiWai correspondem àquelas pessoas que se conhecem há muito tempo, fazem visitas e estabelecem trocas milenares e hoje quando questionam sobre sua origem dizem que são os WaiWai. Diferente daqueles que viviam no século passado, antes do convívio nos aglomerados, quando essa questão não fazia parte de suas preocupações e mantinham as diferenças entre si, hoje todos sabem reconhecer suas semelhanças e diferenças. Hoje é muito comum ouvir o discurso que antes dos missionários os WaiWai eram “puros” e depois que passaram a viver todos juntos em grandes comunidades eles foram se “misturando”. Os jovens acreditam que ainda existem WaiWai “puros” e dizem que eles estão na Guiana. Essa questão já foi abordada por muitos outros antropólogos que trabalharam com os WaiWai e agora ela também passa a ser o foco da minha pesquisa. Para tratar desse assunto, realizei um estudo buscando saber o que os outros antropólogos disseram e também tive a oportunidade de conversar com minha avó Ahmori e com o velho líder dos Karapauyana Pararaka. Ele foi o líder dos últimos moradores de uma casa coletiva atraídos para viver nos aglomerados WaiWai em meados dos anos de 1980 por Ewka, meu avô paterno.

Palavras-chave: Etnologia indígena; Organização social; WaiWai; Povos misturados.

ABSTRACT

WaiWai is a complex Amerindian collective, with most speakers of the Karib language family, who until the 1950s lived in collective Uumana houses located between the two sides of the Acaraí Mountains, Brazil's border with Guyana. This collective, from the contact with missionaries, decided to unite and live in large agglomerations called WaiWai communities. That is why I consider that we are a mixed people. And with this statement, I wonder what the so-called WaiWai today correspond to those people who have known each other for a long time, make visits and establish millennial exchanges, and today, when they question their origin, they say they are the WaiWai. Unlike those who lived in the last century, before living in the conglomerations, when this question was not part of their concerns and kept differences between them, today everyone knows how to recognize their similarities and differences. Today it is very common to hear the speech that before the missionaries the WaiWai were "pure" and after that they began to live all together in great communities they were "mixing". The young people believe that there are still "pure" WaiWai and say they are in Guyana. This issue has already been addressed by many other anthropologists who have worked with the WaiWai and now it also becomes the focus of my research. To address this issue, I conducted a study to find out what the other anthropologists said and also had the opportunity to talk to the old leader of the Karapau yana, Pararaka. He was the leader of the last residents of a Collective House drawn to living in the WaiWai clusters in the mid-1980s by Ewka, my paternal grandfather.

Keywords: Indigenous ethnology; Social organization; WaiWai; Mixed people

YICHERENONKAXAPU - RESUMO EM WAIWAI

WaiWai tî mîkro itore ehtopo komo yetacitopo anarmerpa so tîcherenoyem tî mîkro xakñe, tîmtapotarî yaro tîmtapotaxmu karib yatkîrî mtapotarî yaro tîmtapotaxmu marha tî mîkyam xatkekne oroto pona roro, uumana imo yaw cehsom nhîrî komo marha tî mîkyam itore erore yauno re, tooto komo takî yuupun xamahno (paranakarî tîtkes) komo takî iito exitaw so yihyakaso mokyatkekne nepataketkeñe 1950 cimnipu po, knaka knaka yîpîn yeco po cehsom marha tî mîkyam xatkene Brasil po Guiana po marha ahnoro pore cetarisom. Paranakarî komo mokuche tak yîchekaso anarme cino rine me so tî xakne, anikno rine me marha xakne anarî yana komo itore ciino cîñe me tî mokyatkne, ero wara exirke so eutoci komo cine me so tî mokyatkene anari yana komo ero wa mohtoponhîrî, komo yetacichomenasî WaiWai. Ero ke wa “esesmaxamu” me thakwa natu pahxa rma noxamro nhîrî , ero wa exir poyero so, pahxa etaritoponhîrî komo esepotoponhîrî anarî yana komo yakro yetacitopo me marha nay WaiWai. Pahxa ka eserepokara nhe xatkene tîyanan komo poko, noro yana re owî , noro re noro yana kacho komo ponarora nhe xatkeñe tooto paranakarî mokuhnau, ero yimau rma tko pahxa cesexmaxi thakwa xatkene pahxa rma. Orototo so rma tko cencesî WaiWai poko “esumnî” komo tî xatkene pahxa kacho komo cencesî, Paranakarî komo mokuhra ka exitaw xa tî esumra xatkene kacho marha cencesî, Paranakarî komo mokuchem wa exitaw so makî takî nesemetkene kacho na cences anarimau itore kexichen waso makî cesexmache kwe titketu na anarimau, ero wara anarî komo nihtînoyatu WaiWai komo yehtopo poko, oroto rma karpanxan nmen komo cences , minto xa tî natu kayana po ero wa amna nihtinoyas kane me rma natu, ero waray komo poko cehcamhokaxmu yihtînoxatî komo marha ero poko nehcamhoketkene ahto xa wa natu WaiWai ro komo kane xatkene antropólogos komo, ero wa xa marha wetahcas owî hara yihtinopuxe oyexirke ero poko ahce wai xa mîkyam kacho poko. Ero poko xa yimtapotara marha tko was, anar poko marha kintapowas pooco pen Pararaka pen poko marha Karapau yana mîkro xakne kacho poko marha, mîkyam rma mîkyam enîhnî nhîrî kachonho yiuya so ero way poko kîmtapowas, ero wa thakwa WaiWai komo etacino cine me nehce , ero marha mikro poko meuretopo ouya WaiWai komo checa mohtoponhîrî komo 1980 cimnipu po Ewka opocunîho ehtoponhîrî komo kîcheka so.

Tapota-Yîhcitopo: Anarî yanan poko Meuretopo; Itore ehtopo komo; WaiWai; Esesmaxapu komo.

Lista de figuras

Figura 01: Foto de Alexandre Aniceto de Souza, agosto de 2017

Figura 02: Foto de Alexandre Aniceto de Souza, agosto de 2017. Partindo da comunidade Jatapuzinho.

Figura 03: Foto de Alexandre Aniceto de Souza, agosto de 2017, acampamento de descanso *Marawa nheri*.

Figura: 04: Mapa em rascunho, localização dos rios. Elaborado por Alexandre Aniceto de Souza 2017.

Figura: 05: Mapa em rascunho, localização e as margens da comunidade . Elaborado por Alexandre Aniceto de Souza 2017.

Figura: 06: Distribuição das casas. Elaborado por Alexandre WaiWai 2017.

Figura: 07: Posições das casas na comunidade. Elaborado por Alexandre WaiWai 2017.

Figura 08: Fonte: Niels Fock, 1963.

Sumário

Agradecimentos.....	6
Resumo.....	9
Abstract.....	10
Yicherenonkaxapu - Resumo em Waiwa.....	11
Listas de Figuras.....	12
Introdução	15
A estrutura da Dissertação.....	18
A construção da pesquisa: a experiência de campo	20
A partida pela caminhada na mata e a construção da pesquisa.....	24
Seres da floresta no pensamento dos velhos	29
Seres do rio segundo pensamento antes da waiwaização	32
Os WaiWai no imaginário dos jovens de hoje	34
Os WaiWai no imaginário dos adultos e velhos	36
Os WaiWai no imaginário dos antropólogos.....	38
<i>CAPÍTULO I.....</i>	<i>43</i>
Rotas de visitasões. Do Jatapuzinho para o Mapuera: Somos todos pawana	43
As negociações para a viagem: na comunidade Jatapuzinho	44
As recomendações do meu tio Kîrîнау.....	45
A palavra do pastor contra a minha pesquisa	47
As conversas com os jovens amigos, parentes e conhecidas.....	49
Os preparativos para a partida	50
Os acertos entre os líderes responsáveis pela viagem e viajantes	52
A viagem pela mata.....	53
Os grupos pelos caminhos	54
As paradas para refeições e descansos	55
O igarapé karapau, lugar do velho Pararaka/Karapau yana.....	57
A companhia dos velhos Xereu e Katwena.....	58
As comunidades do caminho e a chegada no Mapuera	60
A Comunidade do Mapuera.....	62
Pawanas	65
O retorno para Manaus e a organização do material.....	66
Waiwaização: pawana segundo os WaiWai	67

Pawana Pîn, o falso visitante.....	71
CAPÍTULO II.....	73
Povo da água, mitologia Karapau yana.....	73
Os moradores da casa centro e seus vizinhos	78
A Posição das casas em rotas de fuga	81
Conflitos e estratégias de sobrevivência	85
Os inimigos: Parîkwoto, Xerekma/Yanpotme/Waimiri-Atroari	87
Povos misturados: a histórias a partir dos Karapau yana no igarapé kikuó	90
A chegada dos matadores WaiWai entre os Karapau yana	92
Apontamentos finais	95
Somos Waiwai, vocês que me chamaram de Karapau yana	97
BIBLIOGRAFIA	102

INTRODUÇÃO

Podemos dizer que os WaiWai constituem um grupo de povos falantes do tronco linguístico Karib dispersos entre os dois lados da serra do Acaraí, aquelas pessoas que viviam em casas coletivas espalhadas entre os dois lados da Serra do Acaraí, divisa natural entre o Brasil e a Guiana. Esse mesmo povo, como informam os registros, as etnografias e as fontes de documentos, vivia em casas coletiva chamada *Umana* conectadas por movimento antigo de “ *fusão/fissão*”, “ *aglomeração/dispersão*” entre co-residentes (HOWARD,1993; DIAS JR, 1999). A partir dos anos 1950, com a chegada dos missionários e o convívio permanente com outros não índios, as casas coletivas foram agrupadas em grandes aglomerações que hoje são chamadas de *comunidades*, com essa chegada muitas mudanças aconteceram e, apesar das relações e dependências das mercadorias do mundo dos brancos, ainda hoje aqueles povos mantêm as suas diferenças dentro e fora do universo social maior e em constante transformação: os WaiWai.

Assim podemos dizer que a cultura WaiWai é transformada desde seus antepassados e está situada hoje em três estados do Brasil (Roraima, Pará e Amazonas) e um território na Guiana. O rio Essequibo na Guiana, conhecido por ocupação milenar desses diversos povos, é um lugar importante para descrever esse processo de transformações. Foi lá que deu o início ao primeiro aglomerado, onde passaram a construir uma ideia de que todos eram WaiWai (CF. FOCK,1963; DIAS JR.2006).

Os WaiWai também são conhecidos como grupos que muito se interessam por expedições a outros grupos indígenas, próximos ou distantes, através de viagens que envolvem trocas de bens, rituais, mulheres e guerras muitas antigas (CF. HOWARD, 1992). As histórias dessas migrações ainda hoje estão vivas e acontecem transformadas na vida desses povos. Diante disso, proponho levantar alguns relatos a partir de algumas pessoas importantes que vivem entre as terras indígenas WaiWai, Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera, para retratar essas rotas de visitas e trocas e assim abordar esse coletivo WaiWai. Realizei uma viagem de campo acompanhando umas dessas rotas e descreverei com detalhes, no capítulo dois da dissertação.

São temas importantes para a descrição dos WaiWai as formas de organizações da vida comunitária. Formas que envolvem, além dos deslocamentos para outros lugares, as divisões de trabalhos entre os homens e mulheres para a produção das roças, das atividades coletivas na igreja, nas festas de Natal e Páscoa, nas relações que mantem com os parentes noutras *comunidades*, nas vilas próximas e também nas cidades e capitais mais distantes.

É sabido que estas transformações ganharam um significado muito importante, a partir dos anos 1950, quando os povos da região passaram a conviver permanentemente com os missionários e outros não-indígenas. Um dos resultados importante foi a própria construção desse coletivo maior chamado WaiWai. Ele caracteriza o processo de transformações contínuo que alguns antropólogos chamaram de “Waiwaização”(HOWARD, 2001; DIAS JR.2006, OLIVEIRA 2010) e os missionários chamam de “Evangelificação” (HOWKINS 1950).

Proponho abordar a construção desse processo de aglomeração no imaginário de alguns jovens, adultos e velhos. A pergunta que faço é: o que é ser WaiWai? Quero mostrar que as viagens e os longos deslocamentos eram (e ainda são) importantes na vida desses WaiWai, por muitas razões. Para fazer visitas aos parentes; trocar mercadorias; presentes; casamentos; feitiços; guerras e vinganças; saberes, histórias e festas, etc. Essas coisas todas juntas, todas misturadas, estão no imaginário que eu quero abordar e descrever sobre os WaiWai e, por isso mesmo, no meu imaginário também.

Duas ocasiões desses encontros que ainda hoje estão bem vivos na memória dos velhos, que eles chamavam de *Xorwiko e o Yamo*, podem ser vistos como transformações do que hoje chamamos de *Conferências e Assembléias*. As *Conferências* organizadas por novas formas de lideranças, os “pastores WaiWai”, são grandes encontros “evangélicos” que reúnem muitas conexões com planos perigosos da vida religiosa; as *Assembléias*, são encontro de tuxauas, que também representam essas novas formas de lideranças e, de certo modo, se ocupam das questões políticas dos humanos (CF. DIAS JR, 2008). Esses encontros, muito importantes, eram realizados antes em épocas distintas que estavam associadas às estações do ano e seus indicadores biológicos. Uma das diferenças importantes entre eles era que o *Xorwiko* era uma festa apenas para os adultos, envolvia as roupas que escondiam as pessoas e eram muito perigosos, pois estava presente a figura de *Kokenaw* (FOCK,1963:172).

Portanto, a partir de alguns relatos, proponho levantar aspectos importantes do imaginário que dá sentido ao coletivo WaiWai. Além disso, proponho também fazer uma descrição das conhecidas rotas de deslocamentos que sempre realizaram, muito antes mesmo do convívio com missionários e outros não indígenas. Essas rotas podem ser vistas como estrutura fundamental da vida desses povos e por isso é importante também nessa dissertação. Para falar dessas rotas irei buscar a memória dos velhos e relatarei a viagem que fiz acompanhando o grupo de parentes que retornavam para a *comunidade* do Mapuera, em julho de 2017, retornando de uma *Conferência* realizada na *comunidade Jatapuzinho*.

Acreditamos meu orientador e eu, que tudo isso é muito importante. Cada ponto desses é importante para falar dos WaiWai por que leva aquelas rotas antigas e a experiência vivida mais recentemente pelos *Karapauyana*. Para minha felicidade e sorte, a viagem que fiz foi passando exatamente sobre os igarapés e locais onde meu avô onde Ewka havia encontrado pela primeira vez com os moradores do igarapé *Karapau*. Aqueles que os WaiWai passaram a chamar de *Karapauyana*. Como veremos, eles não gostaram muito desse nome, sobretudo depois que entenderam melhor o que significava aquela identidade. Essa é a minha pesquisa de mestrado e o que eu penso só agora, depois que me propus retratar o imaginário WaiWai sobre esse universo particular da antropologia. O que estou propondo, de modo resumido, para escrever meu trabalho de Mestrado em Antropologia.

Na introdução acho importante eu falar sobre meus interesses de fazer um mestrado em antropologia, dos aprendizados que tive no PPGAS/UFAM fazendo as disciplinas do curso, das ideias que eu tinha e de como foi definido melhor com as orientações do professor Carlos Machado. Falo também um pouco sobre algumas informações sobre os WaiWai, (onde eles vivem, as terras, suas relações entre eles e com os brancos nas vilas e nas cidades) e sobre os imaginários que foram construídos sobre os WaiWai, pelos próprios WaiWai (jovens, adultos e velhos) e pelos antropólogos também.

A estrutura da Dissertação

Para tratar das questões principais desta dissertação vou abordar a experiência daqueles que foram chamados *karapauyana* pelos WaiWai, partindo das antigas rotas de visitas que os moradores das muitas *Uumana/casas coletivas* costumavam fazer. Proponho dividir o texto em uma introdução, dois capítulos e uma pequena conclusão preliminar.

No primeiro capítulo, falo sobre a viagem que realizei acompanhando a volta de alguns parentes e moradores das *comunidades* da terra indígena Nhamundá/Mapuera que foram participar de uma *Conferência* na *comunidade* do Jatapuzinho, realizada em julho desse ano 2017. Essa viagem foi realizada seguindo pelos rios e picadas, conhecidas há muito tempo, por todos esses povos e que nunca deixaram de andar por aqueles lugares tão amplos e povoados.

Antes da chegada dos brancos e da formação dos WaiWai, esses povos faziam essas longas viagens para visitar parentes; fazer festas; e, principalmente, buscar cônjuges, alianças. Assim, está nos livros dos viajantes e dos antropólogos que falaram daquele tempo. Assim também foi que o velho Pararaka me falou quando eles andavam também pelo rio Essequibo, conheciam os moradores de *Yakayaka* descritos no trabalho do antropólogo Niels Fock (1963) que fez sua etnografia quando iniciavam o processo de aglomeração. Como ele mesmo me falou, eles conheciam *Yakayaka* por outro nome, era lá onde estavam os *Mayamnî/Waapa pîn*, um pessoal que não era muito violento como os *Parîkwoto*, mais também costumavam roubar mulheres e crianças.

Naquele tempo, pelo que me contou o velho Pararaka, eles não tinham costumes de chamar os outros grupos com nomes e identidades. Eles mesmos se diziam que eram os moradores de *etamri/centro*. Ele era o líder, chamado assim na sua língua de Pararaka, palavra que significa “igarapé limpo”. Os moradores *de etamri* estavam conectados com três outros grupos de pessoas que moravam distantes cerca de três dias de caminhada do *centro/etamri*. Todos tinham Pararaka como líder importante.

Vou descrever tudo isso com os detalhes no capítulo dois. O que Pararaka me contou em uma conversa que gravei em agosto de 2016 e, infelizmente, não terei chances de seguir falando com ele, o “velho igarapé limpo” não está mais entre nós. Ele faleceu em julho de 2018, quando eu produzia minha dissertação. Segui falando com seus filhos e seus genros e cunhados que também viveram a experiência de um dia virar *karapauyana* para outros povos, inclusive os WaiWai que lhes deram esse nome. Contei com o apoio dos

filhos, genros e cunhados que ainda estão na *comunidade Xaari*, eles agora que não tem mais seu líder estão falando que vão voltar para o igarapé *Kikwo*. Lá onde viviam antes de aceitarem o convite de Ewka, em meados dos anos 1980, para viverem juntos nas *comunidades WaiWai* e virarem os *Karapauyana*.

Precisei tomar muito cuidado em tudo isso, pois muitas pessoas não gostam e não querem falar daquele passado, quando viviam sem A Palavra de Deus. Tenho muito respeito e tomo cuidado também com as coisas que Pararaka me contou porque para não deixar os parentes deles em situação ruim. Ele mesmo me pediu para tomar cuidado, por que ele não tinha boas histórias para contar sobre esses povos que “*dizem que são os WaiWai, mais não são.*” (i.p., 2017).

Quero falar também que tive muitas dificuldades para ler as muitas coisas escritas nos livros e artigos pelos antropólogos sobre os WaiWai e que eu não conseguir ler tudo. Mesmo assim, tenho algumas coisas para falar dos WaiWai sobre o imaginário da antropologia. Com o pouco que eu pude ler do importante trabalho de Niels Fock, Catherine Howard e outros, fazendo tradução no Google. Tive a ajuda do meu orientador, o professor Carlos Machado, que deu disciplinas no PPGAS e me orientou discutindo sobre essas produções dos antropólogos. Penso que cheguei a um entendimento importante da produção da antropologia sobre a história desse povo que passou a ser chamado de WaiWai. O meu próprio povo que eu conhecia tão pouco de sua história.

Quando iniciei meu mestrado eu achava que os Waiwai estavam correndo risco de esquecer sua cultura, de se acabar mesmo misturado com os brancos. Eu via os jovens cada vez mais interessados com a vida dos *caraiuás* nas vilas e cidades, eu mesmo me sentia saindo demais de minhas origens. Mas, no mestrado, aprendi que nenhum povo perde sua cultura assim, todos se transformam e continuam levando suas marcas. Aprendi no meu mestrado que os próprios WaiWai são resultados dessas transformações, por isso mesmo não faz mais sentido aquelas minhas preocupações do começo. Meu orientador foi fundamental para eu entender tudo isso, lendo, discutindo, transcrevendo, traduzindo, revisando e orientando o que sei melhor agora. A história do meu próprio povo WaiWai.

A construção da pesquisa: a experiência de campo

Minha experiência que pretendo abordar aqui começa desde que passo a conviver diariamente com meu povo. É assim que eu entendo. Aprendendo as regras da *comunidade* local, falando a minha língua materna, trabalhando no coletivo, entre outras coisas comuns que fazem parte do meu cotidiano. Tudo isso faz parte de minha vida, mas tudo mudou quando me coloquei na condição de pesquisador. Minha primeira experiência de campo acadêmico, posso dizer, foi nas *comunidades Anauá e Xaari*, localizadas na Terra Indígena WaiWai do Anauá, onde moro há mais de 10 anos.

Quando iniciei meu mestrado fui também fazer pesquisa na *comunidade Jatapuzinho*, na Terra Trombetas-Mapuera, lá onde eu nasci e estive como antropólogo no mês de julho de 2017. Essa *comunidade* foi fundada em 1984 quando meu avô *Ewka* reuniu os últimos “*Enihni-komo/índios não-vistos*”, aqueles que foram chamado de *Karapauyana* pelos WaiWai. Seleciono alguns relatos importantes sobre as histórias dos grandes encontros que os WaiWai realizam hoje, as *Convenções evangélicas* e as *Assembléias políticas*, narrativas que estão na origem desse grupo que passou a ser identificado e se auto identificado pelo etnônimo WaiWai.

Muitas coisas mudaram depois que passaram a ser chamados de WaiWai, depois que passaram a conviver diretamente com os missionários, mas acredito que essas mudanças não surgiram apenas com a chegada dos missionários. São transformações dirigidas pelos próprios índios WaiWai, como mostrou a antropóloga Catherine Howard (1993). Por isso, diante desses assuntos históricos pude entender e traduzir esse processo de transformações a partir do que os WaiWai pensam, dizem e fazem hoje na sua vida cotidiana.

As informações sobre os WaiWai mostram que durante muito tempo eles vem passando por um processo de transformações e que, mais recentemente, passaram a construir uma ideia de “identidade étnica”, associada ao novo modo de vida nos contextos aglomerados (HOWARD, 2000; DIAS JR., 2006). Acho importante mostrar como todas essas mudanças foram conduzidas pelos próprios índios que nunca quiseram abandonar suas diferenças completamente, por isso até hoje em muitas ocasiões eles não se reconhecem como iguais, como se fossem um povo só, os WaiWai. Em muitas ocasiões eles fazem questão de marcar suas diferenças, são WaiWai, mas com muitas diferenças entre uns e outros.

Para abordar essas transformações, recortei com meu orientador alguns assuntos, que vou descrever como as principais ideias e os pontos que achamos importantes levantar: as rotas de visitas que sempre existiram entre esses grupos, e as experiências dos últimos *Enîhnî* atraídos para viver em *comunidade*, os *Karapauyana*. Quero mostrar as histórias de um *Karapauyana* nas palavras do velho líder *Pararaka* e de seus seguidores.

Quero falar um pouco também da minha dificuldade quando fui fazer a pesquisa de campo no Jatapuzinho. Os problemas que tive quando informei para os meus parentes WaiWai que eu estava fazendo mestrado em Manaus, estudando antropologia. Muitos não gostaram de saber que um WaiWai escolhia estudar antropologia, por que eles acreditam que significa ficar estudando o passado. Antropólogo é aquela pessoa que pede para contar como foi a história antiga, isso não é bom para o pensamento de um jovem. Meu tio Kîrînu que é líder e pastor, minha tia Tucusunari, não gostaram quando souberam que eu estudava antropologia. Falaram para eu não ir adiante, que eu não devia ficar voltando no passado, perguntando coisas daqueles tempos em que vivíamos em guerras de feitiçarias e sem saber de Deus.

Outras especulações surgiram me desencorajando, como o líder e pastor da *comunidade Jatapuzinho*, que também não gostou dessa ideia de um WaiWai estudar antropologia. Não era bom porque que logo eu iria escrever as histórias do próprio WaiWai. O pastor também estava disposto em não deixar que eu participasse da viagem, ao fim da conferência com os moradores do Mapuera que retornariam para as *comunidades* de lá pelos rios e picadas. Acompanhar aquela rota de viagem era importante para meu trabalho. O pastor disse que eu tinha que entregar um documento de autorização para ele, alegando que eu ia fazer uma viagem até a aldeia Mapuera com eles. Então, o primeiro desafio foi fazer essas lideranças entenderem o motivo da minha ida e com apoio da maioria das pessoas da *comunidade* eu conseguir fazer a viagem. O pastor me alertou: “*tudo bem, dessa vez eu vou liberar para que possa fazer seu trabalho, mais só dessa vez*”.

Todas essas regras que hoje estão presentes no cotidiano dos índios WaiWai são reinventadas atualmente por parte dessas lideranças, como forma de proteger a sua cultura do passado. Impedir que um WaiWai acompanhe seus parentes em uma viagem faz parte do processo de transformações vividas por nós, e que eu quero entender durante essa caminhada toda. As lideranças obtiveram outra visão, outro entendimento, diferente daqueles que antes tinham um pensamento mais “prático” nas épocas atrás. Então esse foi meu primeiro obstáculo entre as lideranças WaiWai. Esse fato de um morador de uma *comunidade* ir como *pawana*/visitante para outra sempre foi perigoso e causou fofocas.

Portanto, faz parte da nossa história e é repassado para outras gerações. Para o líder maior hoje, o pastor, tinha que ter um acerto anterior. Por eu ser jovem, os pastores diziam que tinha que ter um adulto de acompanhante até eu chegar ao meu destino, mais no entendimento de outras lideranças e pessoas não cabe essa regra que os novos líderes queriam impor para mim. Afinal, diziam que eu era WaiWai e tinha direito de visitar meus parentes em qualquer *comunidade*, sem ter que pedir permissão para a FUNAI fundação nacional do índio, como dizia o pastor.

Foi pensando nesse contexto histórico, de pessoas que seguem aquelas rotas com outras e conhecem suas trajetórias, que resolvi acompanhar o retorno de alguns WaiWai para o Mapuera. Eles tinham ido ao *Jatapuxinho* para participarem da *Conferência*. Ali eu estava escrevendo o meu trabalho de campo sob um olhar Waiwai. Uma viagem que eu nunca tinha feito em minha vida até a *Comunidade* do Mapuera, e ali eu estava escrevendo o meu trabalho de campo, com um olhar WaiWai, em busca de um entendimento a cerca deles mesmo. A viagem durou dois dias de caminhada por dentro da mata e mais cinco dias pelos rios Jatapuzinho e Mapuera. Segundo informações de um velho *Xereu* é um outro *Katwena*, estávamos caminhando em uma das principais rotas dos antigos WaiWai.

“Caminhos que nossos avós faziam quando ainda não conheciam Deus, e serviam apenas o Kworokyam”, (espírito do mal). (i.p.PORISWE 2017).

Dos dados construídos por mim, no meio daquela caminhada, como um pesquisador WaiWai e estudante de mestrado em antropologia social, chamavam muita atenção dos velhos. Onde cada informação representava algo novo para mim.

“Uma das rotas na festa de Yamo e Xorwiko nos tempos passados, e nos tempos em que estávamos em outro contexto, umas dessas rotas era que nos saímos da cabeceira do rio Mapuera, que durava quase um mês e duas semana, para participar desses encontros que era obrigado pelos integrantes do grupo. Nesse caso saíamos da cabeceira e entrávamos no afluente do rio até chegar ao Essequibo, na Guiana, para participar dessa festa que chamamos de Yamo” (i.p TUUWI 2017).

A conversa estava boa, mas sentimos que estávamos ficando para trás e deixamos para continuar depois no acampamento. Nesse mesmo instante um velho *Xereu* disse que a “*caminhada que estávamos fazendo era de um poñko/porcão do mato*”, pois, estávamos conversando e andando muito devagar. Parecia que alguém estava olhando a gente por traz da mata, e eu perguntava, *quem está nós vendo?*, e ele me respondeu “*tooto/gente*”. Pensei que estava se referindo aos “*enîhnî-komo/índio-não visto*”. Nesse momento da conversa me falou que deveríamos passar adiante e chegar ao nosso destino.

Por isso devemos andar no passinho de pixko/jacamim para que esses tooto/gente não ouçam nossos passos. Sem parar e sem cansar, para você chegar mais rápido e mais cedo ao seu destino, todos nós sabemos disso, as mulheres *Xereu* e *Katwena* são muito fortes, andam rápido demais como um pixko/jacamim assim como os homens também por mais que os jamaxim estão pesados isso não interfere no nosso corpo, pois somos *Xereu* e *Katwena*. (idem).

Nessa viagem, que realizei como parte da minha pesquisa de campo, tive a oportunidade de buscar mais informações que me pudesse auxiliar para explicar melhor esse coletivo que hoje chamamos de *WaiWai*. Aproveitando a oportunidade de examinar bem a história desse povo ao longo das transformações que por muito tempo reconstrói suas vidas cotidianas.

A partida pela caminhada na mata e a construção da pesquisa.

Com dois dias de caminhada na mata chegamos ao nosso primeiro destino no igarapé *Iicawau* que na língua dos *Karapauyana* significa pequeno afluente do rio Mapuera. Alí estavam às canoas e os motores de popa que iríamos utilizar na longa descida pelo grande rio Mapuera. Essa viagem durou cinco dias. Como já era esperado que fossemos descer aquele rio, teve um momento que o *antomañe riñe/líder da rota*, um guia que conhecia o caminho pediu que esperássemos uns aos outros, pois, além de muitas cachoeiras onde tínhamos que empurrar as 15 canoas carregadas, tinha a preocupação do *antomañe riñe* para que todos chegassem bem em suas comunidades.

Ele havia sido indicado para liderar o grupo naquela viagem, o *Kanawa kayaritomom/líder das canoas*, e sua preocupação naquele momento passava ser *com os enîhnî komo/índios não-vistos* que viviam por ali. Estávamos entre dois afluentes, o *Kikwo* a esquerda e *Iicawaw* a direita, onde é sabido que alí vivem pessoas que o velho Pararaka conhecia há muito tempo, antes dos missionários e Ewka chegarem lá. Alí era o lugar em que todos sabem, Pararaka era um líder reconhecido.

Entre esses igarapés era onde, há muitos anos, os grupos se encontravam para fazer as trocas de objetos e também animais como papagaio falante, entre outros artesanatos, aquilo que conseguiam obter com facilidades. Por isso fiquei muito curioso quando me contavam que eram por ali que meu avô Ewka andava em busca de *Enîhnî komo*, os “índios não vistos”, como os missionários chamavam.



Figura 01: Foto de Alexandre Aniceto de Souza, agosto de 2017

Essa viagem, que durou sete dias até a comunidade Mapuera, foi a maior experiência que realizei no meu mestrado e o mestrado. Muitas vezes fiquei pensando de como eu poderia começar a escrever o que os velhos me contaram naquela viagem, pensando na minha própria cabeça como um WaiWai. Depois pensava que outro obstáculo seria escrever tudo isso na língua portuguesa. Mesmo assim comecei a escrever as histórias das rotas e pensar também nos encontros antigos de *Yamo e Xorwiko*, tudo isso seria importante na pesquisa para minha dissertação. Outra coisa que passava em minha cabeça é que eu tinha que acompanhar os mais idosos, os velhos Xereu e Katwena para escrever melhor o meu trabalho de campo. Eu pensava também que posteriormente eu devia diferenciar os modos de relações WaiWai, como citado acima, através das rotas de transição que se davam a partir do *Yamo e Xorwiko* no contexto passado. Mas isso precisaria de mais tempo e conversas com os velhos, quem sabe em um doutorado depois.

Meu primeiro contato com os WaiWai do Mapuera foi muito bacana. Os WaiWai do Jatapuzinho tinham passado informação pelo rádio fonia que o neto de Ewka pela primeira vez estava indo para o Mapuera. Foi com uma sensação boa que senti com a força da figura de Ewka, quando soube que o pessoal esperava por nós. Éramos *Pawana*, um conjunto de grupos misturados, que estavam passando por algumas *comunidades* WaiWai para mostrar o que tínhamos trazido do *Jatapuzinho*; o que tínhamos aprendido em outras *comunidades* WaiWai.

Como *pawana*, assim como todos nós WaiWai um dia somos quando estamos em outra *comunidade*, sabemos que de alguma forma seríamos recebido com festas, com bebidas, comidas, danças religiosas, alojamentos e tratados com o respeito que os *Pawana* merecem. Por eu ser um visitante e neto de Ewka fui recebido com muito respeito e admiração, mesmo não sendo tuxaua, mesmo não sendo um doutor estudado e sim como um *Pawana* especial, um visitante que jamais tinha passado naquele lugar.

Diferentemente da minha maneira usual de ver o outro, de modo direto e a encarar nossas diferenças, o que me marcou chegando ao Mapuera foi que me olhavam com aquela curiosidade de saber quem sou. Filho de quem? Por parte das pessoas que moravam no Mapuera, esse olhar de curiosidade, para nós WaiWai é a mesma forma de dizer eu sei quem é seu pai e sei do seu avô. Eu conheço você e seus parentes mesmo sem que eu falasse dos meus pais já sabiam como uma forma de reconhecimento quem eu era.

Nesse contexto, situo uma questão sobre o meu interesse em estudar meu próprio grupo WaiWai. Surgiu a partir da minha própria curiosidade de entender melhor o que é ser WaiWai? O que é ser WaiWai para aqueles que ao mesmo tempo acreditam e dizem que são *Xereu yana*, *Katwena yana*, *Mawa yana*, *Karapau yana*, *Taruma yana* e *Parîkwoto yana*? Uma das diferenças que encontrei na *comunidade* Mapuera foi à presença de *yanas* que é muito forte, mas todos são WaiWai falantes da mesma língua e comem a mesma comida.

Com essa ideia é que surgiu a vontade de pensar o sujeito nesse mundo. Quando eu era criança não sabia, não tinha noção e nem preocupação sobre a minha raiz. Hoje fico aqui imaginando nos meus avôs, lá tras, que também sem dúvida estavam na minha mesma condição, não tinham preocupação nenhuma de ficar dizendo “*eu sou do povo tal*”, ou algo assim. Lembrando-me da minha infância fico imaginando aquelas pessoas, não indígena no nosso meio, totalmente diferente de mim no sentido da aparência, que andavam na minha *comunidade* com papel, caneta, máquinas, gravador. Hoje estudando antropologia começo entender o que eles estavam fazendo, começo a mergulhar no campo da antropologia e estudar o contexto WaiWai onde inicialmente situo a minha curiosidade também.

Meu trabalho no mestrado tem base em motivos pessoais, resultado da minha própria história e imagem indígena WaiWai. Como já sabemos, sou neto de Ewka um dos pioneiros e responsável pelas grandes transformações dos grupos que viviam dispersos em casas coletivas. Ewka foi importante no processo de aglomeração daqueles grupos, que passaram a chamar de *enîhnî-komo/povos não-vistos*, eram velhos conhecidos que sabiam uns dos outros, fossem mais próximos ou mais distantes. Os *Xereu yana*, *Katwena yana*, *Mawa yana*, *Hixkari yana* e outros *yana* que conviviam há muito tempo, antes da chegada dos protestantes americanos, e também não sabiam que eram eles mesmos Xereu, Katwena etc...

Por essas razões, tive a oportunidade de conhecer além do eu sabia sobre a história que foi vivida e silenciada e que ainda estão guardadas na memória dos mais velhos. São histórias que nunca vão acabar sobre os antepassados, mas que não é muito contada hoje para as novas gerações por conta da evangelização, ou Waiwaização. Cresci no meio dos grandes WaiWai, conhecidos pelas suas habilidade de dançar, fabricar canoas e também especialistas em artesanato e conhecedores das suas próprias histórias. A história dos WaiWai, portanto, é a minha própria história e antes da chegada dos não índios tínhamos nossas casa coletivas, éramos um coletivo cada qual com seu grupo de moradores. Cantavam músicas e sacudiam seus maracás, matavam caças maiores e todos comiam juntos na casa coletiva. Essas são algumas lembranças contadas, ouvi da minha avó *Ahmory*

histórias sobre meu avô Ewka na *comunidade* Jatapuzinho, onde ele foi enterrado em 1992 e ela, agora mais recente, 2018. Que descansem em paz.

Assim, muitas coisas se passavam pela minha cabeça em agosto de 2017, na intenção de passar alguns dias na *comunidade Jatapuzinho* e também no Mapuera para assistir os festejos religiosos da *Conferência* naquele ano. Minha pesquisa de campo concentrou em algumas semanas entre as aldeias. Convivi com os meus familiares por parte do meu pai e fui chamado para me apresentar por ser um *pawana*. Conheci algumas comunidades WaiWai no Mapuera e me alojei na casa de parentes próximos afastados que moravam ali, transitei entre as casas da aldeia e partilhei um pouco da vida diária dos meus parentes WaiWai. E fiquei imaginando as casas coletivas no passado, e as aldeias hoje em círculo no formato de uma das casas coletivas *Uumana*, aquelas parecidas como em *Yakayaka*, descrita pelo antropólogo Niels Fock.

Por fim, passei aproximadamente sete dias viajando do rio Jatapú ao Mapuera e fiquei duas semanas nas *comunidades* com os WaiWai. No caminho, como falei, pude começar muitas conversas com os velhos e depois continuar um pouco nas *comunidades*. Retomei minha conversa com o velho Xereu, pois ele chegou a concluir dizendo que sabia algo mais, primeiramente tivemos que sair um pouco de perto das outras pessoas, parecia que ele queria conta algum segredo para mim. A história antes da “Waiwaização”:

“Preciso esclarecer uma coisa, as histórias do passado para geração dos jovens de hoje não valem nada. Antes tudo era natural e não tinha regras, depois que nos tornamos WaiWai começamos a viver com regras que foram trazidas pelos não indígenas” (i.p, 2017).

É assim que pensam os jovens das histórias do passado, porque é isso que os adultos contam nas *comunidades* hoje. Essa é a regra que todos devem seguir. Devido a essas regras, as histórias dos antigos WaiWai não são contadas nas escolas, e os que sabem mesmo são os mais velhos das *comunidades*”. Uma vez questionados sobre as histórias do passado, quase não querem falar a respeito das antigas histórias. Por isso fomos deixando de ouvir os nossos ancestrais.

“Fomos obrigados a não contar para as pessoas de fora como os Karaiwa/não-índio que sempre vem por aqui querer saber das histórias, e também a pedidos das lideranças de proibir e não contar, pois tudo que sabemos e tudo mentira”.

Dizem os novos líderes, se é tudo mentira deixa pra lá então, é assim que pensam os jovens e os velhos que sabem muitas coisas mas têm medo de contar. É perigoso, todos sabem. Mas, como me disse o velho: “para você que é WaiWai, neto de Ewka, nós contamos. Vamos ali na pedra” (TUWI E PORISWE, 2017). É assim me contaram suas histórias.

Seres da floresta no pensamento dos velhos

Os *pooco*/velhos que participaram da viagem do Jatapuzinho para o Mapuera, retornando da Conferência religiosa, contaram-me na rota sobre a existência dos seres da floresta segundo os seus pensamentos. Disseram eles:

Talvez pra você é uma bobagem que está ouvindo, nunca revelamos isso pra ninguém até por que hoje somos WaiWai, somos crentes. Por isso que deixamos de contar essas histórias há muito tempo atrás, mais esses seres ainda existem na floresta não e qualquer pessoa que vai saber dessa existência. Acho que vai ser interessante pra você como estudante, já para mim isso não importa, pois estamos ficando velhinhos. E na sociedade WaiWai em que estamos inserido a idade e a força do velho não fala mais alto como era antes, apenas as novas gerações é que tomam conta de todos os WaiWai, desde o tuxaua aos pastores, seja aqui ou em outros lugares dessa mata existem muitos seres e histórias que nós sabemos.

Nesse meio de conversa a narração ficava mais interessante e eu curioso para saber o que ele tinha para dizer, pois eu estava ali apenas para buscar algumas informações e dizia ao velho que eu queria saber sobre os verdadeiros WaiWai, os puros, e suas viagens. Mas nesse momento o *pooco*/velho sorriu e me disse:

Kre/Duvido, você nunca vai encontrar um WaiWai puro apenas vai encontrar o nome, mas pessoa nunca.

Começamos a olhar juntos na direção da mata, acima de uma pequena montanha, na beira do rio Mapuera. E começou dizendo,

... Contar sobre este conhecimento tenho que narrar não como um WaiWai e sim como no tempo em que nossos ancestrais viviam. Se posso contar como se fosse no passado, ai sim tenho liberdade de contar a vontade, mais fico aqui imaginando que hoje eu vivo no contexto WaiWai, por isso é difícil contar por outras pessoas.

Por que eles são WaiWai, e isso significa não contar essas histórias para as novas gerações. Nesse desabafo continuou, é preciso contar como outra pessoa, com outra roupa, assim as pessoas não vão perceber nem as lideranças da *comunidade*.

... Está vendo aquela árvore balançando pra lá e pra cá, pois é, ela está muito feliz por que sentiu nossa presença, e daqui a pouco ela vai descer e bater nas pedras e águas. Nesse caso o vento tem uma vida por isso ele balança as árvores, por que se não tivesse a montanha ficaria triste e sem árvores em cima dele, assim como nós temos uma vida ela também tem uma vida, não duas, ela tem uma chance de viver assim como nós temos uma chance de viver, ela depende de nós e nós dela.

Lembra-se daquela conversa que nós começamos a falar no meio da nossa caminhada na mata onde parecia que não tinha ninguém por perto, então pareceu que alguma coisa existia? Você ficou com medo de ficar para trás. Então, é porque você acredita que tem outra vida maior do que você por trás de você, por isso eu digo que tem seres na mata, desde um passarinho pequeno ao animal maior. E através desse medo continuamos atrás da nossa curiosidade, a nossa curiosidade nos permitiu descobrir algo sobre a floresta, nós não nascemos sabendo, pois precisamos aprender através dos seres da floresta. Então nossos antepassados tinham contato com eles, tínhamos tudo que nós precisávamos, assim como nos também dávamos o melhor que tínhamos não cortávamos muitas árvores e nem queimávamos muito as matas como acontece hoje.

Nossa vida depende muito dessa mata desse vento, pois ele depende de nós e nós dependemos dele, por isso que estamos vivos e contando sobre ele algo de bom, os animais também dependem deles as aves e outros seres, que dependem dele. Então os seres eles existem por isso, você deve ter muito cuidado na hora que você estiver dentro da mata, porque o vento pode ficar bravo com você e mandar derrubar árvore em quando estiver caçando, por isso toma muito cuidado quando for fazer algo na mata, assim como também animais podem te atacar defendendo seu habitat.

A floresta tem o espírito dos animais e também espíritos das plantas Lembra quando estávamos chegando à beira do rio? Parecia que não tinha ninguém por perto, mas longe dali ouvimos uma um karapaw gritou quando estávamos chegando no rio? Avisando que o perigo estava se aproximando deles, ela estava avisando pra outros seres, como porcão, antas, veados, macacos, onças, mutuns e outros. Porque eles sabem que nós representamos perigo para eles, então por isso não deparamos com animais no meio do caminho. Eles são bem espertos. Quando não é um karaw é um porquinho do mato que vem nos vê e ele não vem em grupo ele vem sozinho pra ver quantos somos, e o que estamos fazendo na área deles. Então tudo isso tem contato com florestas, são eles que decidem quando pode ventar, quando pode chover e quando os sapinhos podem cantar quando estão alegres. São eles que decidem para floresta ficar feliz e verde, e também são eles que cuidam da mata, são eles que varrem as frutas pra não estragar. É assim que funciona, quando falamos de seres da floresta. Das plantas também, por

que as plantas não se defendem como animais, mas são muitas e podem representar um perigo para o homem. Por exemplo, uma folha cheia de espinhos, essa folha e pra se defender pra ninguém tocar nelas. Outras servem para curar feridas ou algumas doenças, nesse caso podemos dizer que tem vida. É dessa forma que temos nossos pensamentos, como um antigo.

Seres do rio antes da Waiwaização

No momento em que estávamos viajando de canoa, o *pooco/velho* também comentou comigo sobre a existência dos “seres do rio”. Como tínhamos combinado para falar um pouco desse assunto adiante, na floresta, ele foi me contando sobre a existência de seres que estavam ao nosso redor. Estávamos na canoa, fiquei curioso para saber acerca desses seres que não enxergamos. Aos poucos foi me revelando coisa que eu ainda não tinha pensado sobre os “seres da água”, pois ele dizia com muita certeza que tinha muita coisa pra falar, que na canoa não seria bom para contar porque tinha gente por perto escutando. Por isso deixamos pra continuar depois. No momento em que estávamos dispostos á falar, entramos mais uma vez na conversa sobre os seres da água e ele foi revelando para mim, com a seguinte observação: “*grava tudo com seu celular e escreve depois*”.

“Anma porin pen/nossos ancestrais diziam para nossos avós que um dia ouviram a voz do rio da água pedindo socorro, dizendo, okweee/socorro. Há muitos anos, transmitido por um Yaskomo/xamã, num pequeno igarapé no alto rio Mapuera. Era um aviso do rio pedindo para gente sair daquele lugar, pois ali tinha gente que estava extraindo algo, possivelmente garimpeiro. Só agora começo entender que eles estavam contaminando água e matando peixes.É com essa ideia que conto sobre o rio, por isso nós não tomamos aquela água do igarapé e sempre estávamos em constantes mudanças de lugar (i.p., 2017).

Por isso que eles diziam, o rio e água tem vida. Eu entendi assim, quando falaram desses seres existentes. Nesse meio de conversa ele me mostrou água e me disse:

- “Está vendo? Beba um pouco”. Aí eu bebi.

- “Senti algum gosto ruim? Eu disse que não.

- Então, ela tem vida e todos os animais sabem que isso é pra beber, até os peixes, senão eles não existiriam vivos. Por isso que ela não mata, por isso que ela sempre está se movendo e descendo, nunca subindo. É o sinal de que ela está viva. Vamos observar o nível do rio, ela está no limite e cheio quase não vemos pedras, aquelas que ficam na água. Isso significa que ela está muito feliz e com barriga cheia. Porém, quieto só na correnteza, por que com a enchente ela está lavando todas as sujeiras que ficaram grudadas nas beiradas do rio e igarapés, até nas pedras. Por isso dizemos que ela tem seu momento de ficar feliz, assim como os peixes quando está cheio... a enchente é uma liberdade e onde saem felizes nadando pelos igarapés, rios e lagos. Comendo os frutos das árvores, então a água se comunica com os seres dos rios, igarapés, com as pedras e também cachoeiras. Se formos perceber de perto, enquanto o rio está cheio não dá pra enxergar o rio conversando com a cachoeira, apenas o silêncio. Quanto ela está feliz. Mais se observar no tempo em que o rio está secando, vemos uma grande diferença, por que a seca representa um perigo para os seres da água. Os peixes choram e temem a morte com a seca, aí tem o espírito da água que leva os peixes da seca para lugar mais fundo do rio para não morrerem de fome e nem serem acabados. Por isso vemos muitas vezes aqueles mesmos peixes, quando o rio estiver cheio saem todos de um buraco chamado de weyum (lugar fundo). Na nossa imaginação de humano, parece que os peixes acabaram, mas é pura enganação. É só esperar a cheia que nós descemos. É assim que entendo sobre os seres, não só os peixes, mas as cobras da água e outros. A pedra também tem vida, uma vez quando passei aqui, quando eu era criança, meu pai me mostrou essa pedra. Meu pai dizia que o pai dele tinha mostrado e dito que ele iria crescer em algum momento e realmente cresceu. Hoje ela está grande e fazendo cachoeira no rio, por isso eu digo, a pedra também tem vida, por mais que ela está parada sempre crescendo, pois eu entendo assim quando falamos de seres da água. A cachoeira também tem vida, e ela tem porque as pedras existem, elas se comunicam com a água. Pedra é força do vento, por isso que ouvimos uma cachoeira quando estamos atravessando, ou mesmo passeando por perto dela. A cachoeira não é ofensiva, nós que exageramos com ela e não sabemos qual linguagem elas falam. A cachoeira é feliz no rio quando está secando, o tempo que ela se prepara para conversar com outros seres da natureza. Então a cachoeira fica falando dia e noite sempre feliz, porque se não existisse pedra não existiria cachoeira, se não existisse cachoeira não existia pedra para nós ouvir. Pedra e cachoeira estão ali se divertindo enquanto a água está pedindo socorro e com medo de suas crias morrerem que são os peixes. Mas aí, também os animais dependem da água e as plantas também, aí todos reivindicam chuva, por isso que chove, por que eles pedem para que chuva, para lavar as sujeiras dos igarapés e também dos rios. Eu entendo assim sobre o conhecimento dos amna porin pen (nossos ancestrais). (i.p., 2017. PORISWE KATWENA E TUUWI XEREU).

Os WaiWai no imaginário dos jovens de hoje

Os jovens WaiWai, que nasceram e vivem trajetórias mais modernas, podemos observar que nem tudo acabou no pensamento dos *pooco/velhos* sobre seus antepassados. E mais, podemos observar que o mundo moderno vem influenciando a vida dos jovens das *comunidades* WaiWai. Nas entrevistas realizadas com os jovens no Jatapuzinho, Anauá e Mapuera, tive o privilégio de contar com os jovens de cada lugar e questionar acerca desse assunto. Tive a enorme satisfação de fazer essas abordagens em meio a conversas e perguntar sobre os seus entendimentos sobre a questão: quem são os verdadeiros WaiWai de cada aldeia? E observando as respostas fiquei surpreso, pois o pensamento do jovens se igualavam ao meu.

No desenrolar das suas palavras como respostas, todas foram parecidas ou quase iguais. No que toca às minhas concepções também, pois cada vez que a discussão se aprofundava tinha certeza que eles pensavam quase igual ao que sempre pensei também. Quando direcionava a pergunta sobre a possibilidade da existência de WaiWai puro, vivo e onde estariam? Eles com segurança diziam que sim, existem mesmo. Entendi e respeitei a opinião de cada pessoa que se dispôs a responder. Descrevo as suas opiniões em geral, que interpretam dessa maneira. Hoje se ouve muito falar de WaiWai e o sentido desse termo é muito bonito e identifica nossa casa, nossa comida, nossa pele também, porque os WaiWai tinham uma identificação própria dentre os demais povos. Eram de pele clara, altos e muito forte. Os homens e as mulheres.

Agora, o que se deu a entender é que no tempo atual não tem muitos WaiWai puros, concentrados em uma *comunidade* só de WaiWai. Como me disseram:

O que vemos agora é que estão todos espalhados e casados com Xereu yana, Hixkari yana, Mawa yana, entre outros. Nós não vemos mais só WaiWai (i.p., 2017).

O que ouvi daqueles jovens no Jatapuzinho, Anauá, e Mapuera, não é muito diferente de outras visões que interpretam dessa forma. Acreditam que se formos lá na *Comunidade Masakî kenarî*, na Guiana, aonde a concentração era maior e mais forte dessa população, provavelmente, pode existir um WaiWai puro ainda. Até porque lá foi onde existiu e iniciou os WaiWai verdadeiros, por mais que existia Taruma yana, karapau yana e outros, nunca deixavam de se misturar. Para essa geração de WaiWai fica claro que todos se

consideram WaiWai e sabemos que os verdadeiro já tiveram seus filhos e se misturam e vivem em algum lugar das *comunidade* WaiWai.

Por isso para nós fica muito difícil entender que os primeiros a liderarem os povos, os primeiros a aprenderem a escrita, para nós aqueles é que são WaiWai. Aqueles que fizeram história, isso no nosso imaginário. Já os recém-chegados, como outros povos que aprenderam depois, estes não são mais WaiWai puros para nós. Por isso que essa ideia de identificar os WaiWai verdadeiros ainda permanece forte na nossa memória. Fica evidente que os verdadeiros WaiWai estavam em *Yakayaka* e *Erpoymo* na Guiana. Esse entendimento é muito forte para a geração dos jovens de hoje. Até mesmo para mim ainda é forte esse pensamento. Quando eu comecei a fazer meus estudos na pós-graduação em Antropologia, eu estava ciente que alguns WaiWai eram puros, até eu começar a descobrir outras versões sobre essa história, a versão dos antropólogos.

Contudo continuamos sendo WaiWai hoje, porque se não existisse totalmente, nós jovens não seríamos identificados como um WaiWai. Nossos avôs que moravam na Guiana eram puros, sem dependências dos brancos, nós pensamos assim. Por que lá era difícil os não índios entrar no meio deles. Por isso eram puros. Com a chegada da evangelização na Guiana, especificamente em *Yakayaka*, esses grupos saíram atrás de outros, seus vizinhos conhecidos para “pacificar”, e com esses acontecimentos é onde começa toda essa separação de Xereu yana, Mawa yana, Katwena yana, Hixkari yana entre outros grupos que vieram para conviver juntos. Eles já estavam mesmo todos misturados.

Portanto, no imaginário dos jovens WaiWai, como era o meu imaginário antes de começar o mestrado, já existiu um povo puro. Foram os missionários que fizeram eles se misturarem e se casarem com os outros, pois como eram muitas essas tribos juntas, ocorriam de se casarem com eles e ter filhos que já nasceram misturados. É assim que pensam os jovens dos WaiWai, que existiram puros em *Yakayaka*.

Os WaiWai no imaginário dos adultos e velhos

Em consultas que eu fiz acerca dos WaiWai no imaginário dos *pooco* Xerew yana, Katwena yana, Mawa yana, Hixkari yana, Karapau yana, Paríkwoto yana e Taruma yana, com os quais tive mais afinidade e liberdade para discutir e construir um pensamento sobre o que eles dizem, os *pooco* afirmaram apenas saberem que hoje, além dos WaiWai existem os Xereu yana, Katwena yana, Mawa yana, Hixkari yana, Taruma yana e Paríkwoto yana. Antes mesmo de sermos transformados em WaiWai, sempre soubemos manter as nossas imagens distintas. No modo de ser em geral, caçar, fazer roçados, preparar os alimentos, dialetos falados, grafismo, ocupar certas regiões específicas, etc..

Os WaiWai no nosso imaginário é aquele povo muito esperto e manso que eram acostumados a conviver com outros grupos vizinhos. Eles tinham na sua conduta às formas precisas de se comportarem, de modo adequado, perante outro grupo. Os WaiWai também eram interessados em buscar mulheres de outros grupos e mantiam redes de relação e contato permanentes com os grupos de suas mulheres. Nossos avós e pais dizem que um dia ouviram falar em WaiWai por outro grupo, Wapichana.

“Antes deles nos nunca ouvimos dizer em WaiWai, só sabíamos que existiam uma região onde esses tal WaiWai traziam ferramentas e também eram Warawan/clientes desses outros grupos... Pois, nunca soubemos o que era isso, nossos avós que faziam isso com os Wapichana. Esses povos falavam duas línguas enquanto os WaiWai, como foi chamado, falavam apenas uma língua. Outros que eram casados com mulheres de outros grupos e que transmitiam a fala dos clientes, falavam Taruma ou Paríkwoto, e nada de WaiWai. Então podemos afirmar que WaiWai era um grupo de índios que viviam trocando seus objetos com outros índios vizinhos, e também mulheres onde casavam e iam embora com seus sogros de outro grupo indígena”, (i.p., 2017).

Conforme os relatos de viajantes do século XIX ficam mais fácil entender a existência de uma vasta rede de trocas, visitaçõ e intercassamentos entre diversos grupos indígenas que viviam entre os dois lados da Serra do Acarai (SCHOMBURK, 1841; COUDREAU, H. 1893; COUDREAU, O. 1903 FARABEE, 1913; ROTH, 1925; DREYFUS, 1986). Região na qual aqueles grupos se encontravam dispersos e ligados sem que nenhum exercesse qualquer domínio sobre os outros.

Vendo o imaginário dos *pooco/velhos*, os WaiWai estavam sempre nessa transição, traçando as redes de relações com outros grupos. Faziam isso antes mesmo da chegada dos não índios, e com a chegada e convívio com missionários fundamentalistas gerou uma grande transformação na vida desses grupos e nas suas redes de trocas. Os moradores de *Yakayaka* lideraram essas transformações na estrutura das trocas, conduzindo esse processo de evangelização, ou “Waiwaização” como chamaram alguns antropólogos (HOWARD, 1993; DIAS JR, 2000).

É sabido que antes da chegada dos missionários os WaiWai sempre moravam em casas coletivas com seus familiares e cunhados, pois essa era a forma de organizar a vida social que identificava os WaiWai no nosso imaginário. Podemos destacar que ali, em *Yakayaka* já estavam vários grupos misturados, na medida em que a própria biografia do jovem líder daquela casa coletiva (Ewka) informa. Ele era misturado com Paríkwoto e sua esposa *Ahmori* também sabia não era WaiWai. Isso pode ser confirmado no trabalho dos antropólogos que trabalharam com os WaiWai. Como também me afirmou minha avó *Ahmori* que era esposa de Ewka, pouco antes de sua morte.

Então, o Xereu yana, Katwena yana, Mawa yana e Karapau yana estavam sempre presentes nessas rotas, pois é assim que pensamos quando falamos de um WaiWai. Esse tal grupo ficou mais forte com a chegada dos missionários norte americanos, nos tornamos cada vez mais WaiWai. Como foi o caso da família de Ewka, pois ele não era WaiWai, ele era Paríkwoto com outro grupo, ele se transformou em um WaiWai depois que Roberto Hawkins veio pregar a palavra de Deus em *Yakayaka*, onde todos foram como Pawana e se tornaram WaiWai.

Os WaiWai no imaginário dos antropólogos

Depois de algumas trajetórias feitas por viajantes e antropólogos estrangeiros juntos aos WaiWai no século XIX e XX, as quais anunciaram as histórias e outras informações sobre as redes de trocas entre muitas casas coletivas entre os dois lados da Serra do Acaraí, os WaiWai ganharam força e espaço sociocultural. Muitos pesquisadores contribuíram com pesquisas entre os WaiWai, destaco alguns em ordem cronológica.

Primeiro, o Dinarquês Niels Fock que esteve em *Yakayaka* no início dos anos de 1950, quando os missionários iniciavam suas relações com os moradores daquela casa. O trabalho de Fock é muito importante porque relata, com a ajuda dos missionários e as teorias da época, como aqueles moradores viviam e organizavam sua vida coletiva. Ele fala sobre quase tudo que aquelas pessoas faziam no seu dia-a-dia, seu trabalho é muito importante por ser o primeiro e também pela qualidade e sensibilidade do relato. Além de escrever bem o que Ewka lhe informou, o pesquisador fez registros de imagem com fotos e filmes em super 8. O trabalho inclui até mesmo partituras musicais com as músicas cantadas nas festas e rituais. Fock acreditava que a presença dos missionários com seus projetos de catequeses iriam acabar com os WaiWai. Eles estavam perdendo sua cultura original, concluiu o antropólogo em sua tese. A catequeze e sedentarização de grandes aglomerados estavam misturando os índios e só existia 4 WaiWai puros. Assim, descreveu Niels Fock (1963).

Nos anos 1980, a antropóloga Catherine Howard fez pesquisa no território brasileiro, na *comunidade Caximi*. Howard dominou a língua e realizou outro importante trabalho com os WaiWai que estavam voltando para o lado brasileiro, saindo da Serra do Acaraí. “Em 1968, a Guiana conquista independência da Inglaterra, assumindo um governo de tendências socialistas que expulsam os missionários do território. No Brasil, o governo enfrentava uma guerra contra os índios Waimirí-Atroarí para construir uma estrada que cortaria o território dos índios. Os missionários da Unevangelized Field Mission UFM fizeram um acordo com o governo brasileiro para permanecerem catequizando os índios no Brasil, em troca eles ‘amansariam’ os Waimiri e Atroarí com os WaiWai que eram seus ‘primos’. Essa história foi bem documentada e o trabalho dos antropólogos Stephen Baines revelam com detalhes históricos e etnográficos tudo isso (HOWARD, 1993; DIAS JR., 2008; CAIXETA, 1999;).

Catherine Howard mostra em seu trabalho como as redes de troca estavam organizadas no mundo WaiWai. Com muita riqueza de dados e uma longa pesquisa de campo, a antropóloga mostra como o processo histórico do encontro dos WaiWai com os brancos, no ponto de vista dos índios, pode ser uma coisa muito diferente do ponto de vista dos missionários. Foi Howard que apontou de modo muito interessante e inspirador como os WaiWai, na verdade, “domesticam os brancos e suas mercadorias”, dando outros sentidos para o que pensam, o que dizem e o que fazem. Podemos ver com muitas evidências que o mesmo processo da “evangelização” também pode ser o processo da “Waiwaização”.

Essa ideia foi muito importante para eu entender outras coisas e levar adiante o estudo de mestrado em antropologia. Isso foi muito legal para eu também mudar o meu ponto de vista. Como falei, como todos os outros jovens WaiWai, sempre acreditei que um dia existiu WaiWai puro mesmo. Eles eram aqueles moradores de Yakayaka, alguns deles ainda vivos, que fizeram os primeiros contatos com os brancos e depois foi atraindo outras casas para viver juntos. Juntos e “Waiwaizados”, “evangelizados”, que significava falar uma mesma língua (aquela que os missionários já tinham aprendido e grafado, com apoio de Ewka); não fazer feitiço; não mexer com as mulheres dos outros; não fermentar bebida; não fumar tabaco; acreditar no novo Deus e na Palavra escrita do Novo Testamento; etc., etc..

Nos anos 1990, o antropólogo Ruben Caixeta de Queiroz realizou pesquisa de campo com filmagens na *cominidade Mapuera*. O mesmo autor publicou um artigo sobre a conversão do líder Ewká, primeiro WaiWai a aceitar a mensagem dos missionários e a se tornar pastor. Queiroz mostra, de outros modos, como essa história mais uma vez pode ser contada do ponto de vista dos índios, (1999). Em seguida outro antropólogo brasileiro Carlos Machado Dias Junior que também realizou suas pesquisas entre os WaiWai, em sua dissertação de mestrado foi defendida em 2000, e sua tese de doutorado em 2006, ambas na Universidade de São Paulo, podemos ter uma boa referência sobre o imaginário dos antropólogos. Nesses trabalhos, a conversão dos WaiWai ao cristianismo aparece como uma estratégia nativa para a construção de um novo tipo de coletivo (as “comunidades WaiWai”), que já se configurava pela aglomeração de diversos grupos ao redor da base da missão evangélica na Guiana.

Assim também outros antropólogos chegaram para realizar suas pesquisas entre os WaiWai. Jorge Manuel Costa e Souza que pesquisou na aldeia Jatapuzinho em 1997, realizando seu mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina defendida em 1998. E outra pesquisadora Stephanie Weparu Aleman pesquisou os WaiWai da Guiana entre 1997 e 2002, período no qual era ligada à Universidade de Wisconsin. Essa autora apresentou

trabalhos sobre os WaiWai da Guiana de *Masakî kenarî* em alguns encontros de etnologia fora do Brasil. Finalmente, em 2001 a 2003, Evelyn Schuler Zea, então da Universidade de Bern, na Suíça, e pesquisadora da Universidade de São Paulo, pesquisou na aldeia Jatapuzinho, e também esteve de passagem na aldeia Anauá onde moro.

Foi através destes relatos escritos sobre os WaiWai que pude entender melhor o significado desse termo WaiWai e também no imaginário dos antropólogos que reuniram seus trabalhos de campo para descrever em suas dissertações e teses, transformações e o modo de viver dos índios, obtendo uma outra visão e entendimento. Essas pesquisas antropológicas entre os WaiWai foi muito importante para mim, pois tenho certeza que quando falamos sobre os WaiWai, não estamos falando apenas daquelas que os antropólogos presenciaram. Como pesquisador WaiWai estou também falando desse coletivo maior que só aumenta depois da Waiwaização.

Alguns antropólogos tentam explicar o verdadeiro significado de WaiWai traduzindo o termo, com a ajuda dos outros grupos como os aruak Wapichanas, por “povo da mandioca”. Ou seja, *yukwarî/povo da goma*, assim traduzido pelos WaiWai. Por mais que já foram dadas várias explicações sobre esse termo, que para aquele povo não dizia nada, um nome que refere ao fato de ter a pele com a cor da mandioca, sabemos que ser WaiWai significa muito mais do que isso.

Porém estes grupos que vivem nas *comunidades* WaiWai e se identificam como WaiWai são, em sua maioria, falantes de línguas da família Karib, entre eles, os Parîkwoto yana, Taruma yana, Xereu yana, Katwena yana, Karapau yana. Atualmente, nas *comunidades* desses grupos, a língua predominante é o WaiWai e todos eles são falantes. Criança, adultos e velhos. Em grande medida isto se deve à escolha desta língua para a tradução da bíblia, que acabou gerando a homogeneização tanto na língua escrita e na fala desse grupo. O missionário Robert Hawkins, o Kmam, como ele era chamado pelos WaiWai, que teve a oportunidade de conviver, aprender, grafar e traduzir a Bíblia, que hoje está espalhada em todas as aldeias, também afirmava que na época em que a missão se estabeleceu na região o WaiWai era uma língua mistura dos Parîkwoto com a dos WaiWai originários (QUEIRÓZ R. C., 2008) (OLIVEIRA, 2010).

A segunda explicação seria devido à grande quantidade de bebida de mandioca servida pelos WaiWai aos visitantes durante as festas em suas aldeias (FOCK, 1963, p. 9; HOWARD, 2000, p. 46). Assim como tantos outros etnônimos indígenas, o termo WaiWai surgiu de uma referência externa e se tornou uma categoria autorepresentativa. Principalmente nas relações estabelecidas com o não indígenas. Por isso que hoje os grupos

como Paríkwoto yana, Taruma yana, Xereu yana, Katwena yana, Mawa yana, Karapau yana, que vivem juntos nas *comunidades* WaiWai se identificam como WaiWai e são, em sua maioria, falantes de uma língua Karib e convivem todos juntos.

Com todo esses grupos presentes na atualidade a que formam o grupo WaiWai, segundo a concepção dos velhos Xereu, Katwena, e outros, o Paríkwoto é a categoria que mais se destacava. Eles é que transitavam pelas rotas, porém, eram muito violentos e mantiam aquela imagem de fazer medo nos outros grupos, pois eles costumavam matar e roubar mulheres. Se pensamos juntos com esses *pouco/velhos*, seríamos hoje Paríkwoto e não WaiWai.

Segundo a opinião desses moradores do Mapuera, por mais misturados que já eram, eles sabiam identificar melhor os Paríkwoto. Um velho traduziu para mim esse termo como “macaco sem vergonha” (i.p. 2017). Para o pesquisador Frikel (1958), o termo Paríkwoto designa uma etnia (tribo) particular, mas também designa de forma genérica todos aqueles índios que viviam na bacia do rio Mapuera e de outros tributários mais ao norte do rio Trombetas. (apud, HOWARD, 2002:31).

Acredita-se que sob o termo Taruma estão reunidos aqueles grupos originários da migração dos Taruma do Rio Negro, mas também outros que vieram do sul, subindo os afluentes do rio Amazonas, como o Trombetas, fugindo dos portugueses, africanos, brasileiros, e de grupos indígenas rivais.

Diz também a arqueóloga Camila Jácome, em sua dissertação de mestrado, que “a denominação WaiWai também é ampla, e inclui sobreviventes de grupos indígenas que foram expulsos para as regiões mais afastadas do Alto Trombetas, Mapuera e Jatapu” (2012). Informam Howard (2002) e Queiróz (2008) também, “grupos Paríkwoto” se fundiram com os Tarumã e formaram os “modernos” WaiWai.

Diante disso, o que eu mais quero reforçar é o ponto de vista que os antropólogos foram contruindo sobre os WaiWai. Cada pesquisador, estudando um lugar e lendo outros pesquisadores, todos eles me ajudaram a entender melhor a pergunta fácil e complicada que eu acho mais importante questionar: quem são os WaiWai? Existem WaiWai puros? Só depois de entender um pouco do que pensaram alguns antropólogos eu pude mudar meu modo de entender também. Aprendi na minha formação em antropologia que a cultura não se acaba nunca e quanto mais diferentes são as culturas humanas, mais elas se reforçam e se diferenciam. Aprendi que os WaiWai é o resultado desses encontros entre culturas diferentes e eles sempre estiveram misturados.

Sei que tudo isso é muito novo na minha cabeça e que preciso de mais tempo para entender melhor e, mais ainda, explicar melhor para meus parentes e amigos WaiWai. Acho que é muito importante essas ideias da antropologia para os jovens WaiWai pensarem também. Aprendi que a ideia de “índio puro” que nos temos precisa ser separada da noção de WaiWai. Eu sempre achava que existiam sim os WaiWai e, como vimos, os jovens ainda hoje dizem assim também. Os WaiWai puros eram aqueles que estavam em *Yakayaka*, viviam longe do mundo dos brancos e suas mercadorias. Agora precisamos pensar que antes dos brancos, ninguém era puro e os moradores daquela casa junto com outros que para lá foram atraídos pelas mercadorias dos brancos, passaram a se chamar de WaiWai. Por isso que a antropologia nos ensina que a cultura ganha força e se diferencia onde se encontram diferenças.

CAPÍTULO I

Rotas de visitasões. Do Jatapuzinho para o Mapuera: Somos todos pawana

A minha viagem de campo para falar das *rotas de visitasões*, durou vinte e sete dias. Estive pensando de como começar a escrever as histórias que ouvi e vivi, aquelas que foram contadas. Preciso falar do obstáculo da língua portuguesa, que tenho muitas dificuldades por não ser minha língua materna. Para escrever as histórias das rotas de *Yamo e Xorwiko*, que não é objeto central de minha pesquisa em minha dissertação, preciso retomar quando estávamos na mata e no acampamento. Tive que acompanhar os velhos *Xereu e Katwena* para anotar as informações para o meu trabalho de campo. Tudo isso é muita coisa e penso que vou precisar de mais tempo para falar de tudo isso com detalhes.

Pensei que posteriormente também ia diferenciar os modos de relações WaiWai, como citado acima, as rotas de transição que se davam a partir do *Yamo e Xorwiko* no contexto passado. Tudo isso ao mesmo tempo em que eu fazia minha primeira viagem ao Mapuera. Começo então falando um pouco mais das dificuldades que tive com as lideranças WaiWai, como já anunciei, especialmente alguns pastores da *comunidade* Jatapuzinho que não queriam deixar eu seguir a viagem acompanhando meus parentes que voltavam a Mapuera. Devo falar do que aconteceu na mata, nos igarapés e no rio, nas *comunidades* que passei até chegar à grande *comunidade* Mapuera. Falar dos dias que lá fiquei, dos amigos, parentes e desconhecidos que encontrei. Até o dia que eu fui embora, voltei para Manaus para seguir meus estudos.

Proponho descrever com detalhes os pontos que achei mais importantes da minha experiência de campo. Não apenas a viagem em si, mais também os antecedentes e os fatos ocorridos para negociar a viagem.

As negociações para a viagem: na comunidade Jatapuzinho

Como estudante indígena de antropologia, passei a acreditar comigo mesmo, que seria fácil pesquisar a história do meu próprio povo e não podia imaginar os obstáculos que me apareceram. Pensar que sou também um WaiWai igual a eles me deixou cuidadoso e animado para esse trabalho. Mas, para minha surpresa, ser WaiWai não facilitou tanto assim meu trabalho de antropólogo. Quando passei a falar sobre meu trabalho de mestrado algumas lideranças não gostaram, digo dos que estão acima do tuxaua de acordo com a organização WaiWai. Os pastores entenderam que teriam que ser mais rígidos com relação a minha intenção de virar antropólogo estudando os WaiWai.

Antes da minha partida para o campo, ainda na UFAM, iniciou-se o planejamento e organizei a minha apresentação que faria pelos lugares por onde passaria, de forma com que todos não ficassem tão surpresos com o meu propósito. Os WaiWai tendem em seus costumes a dominar algo ou qualquer acontecimento que possa causar ou influenciar uma mudança radical na vida presente. Sabendo disso, antes, com atenção escolhi as palavras que considerarei que iriam me ajudar durante o percurso que seria feito, mais para convencer as pessoas das *comunidades* como também os responsáveis pelos locais, pastores, tuxauas, fiscais, professores e demais que exercem alguma função nas *comunidades*.

Para que eu pudesse seguir mais tranquilo, antecipei pelo menos a notícia três meses antes da minha chegada. Primeiramente me comunicando por rádio-fonia da *comunidade Anauá* para o tuxaua da *comunidade Jatapuzinho*, que por fim aceitou a minha ida com o objetivo de pesquisa. Além disso, encontrando nas vilas com alguns moradores e lideranças de lá, passei a informação, pois, me preocupava em saber o tempo todo como a *comunidade* ai entender e reagir.

De fato, eu iria aproveitar a realização de um grande evento, a *Conferência* que aconteceria na *comunidade Jatapuzinho*. Meu interesse era retornar com alguns parentes que tinham vindo do rio Mapuera e voltariam pelos rios e trilhas da floresta. Assim foi que eu falei para os líderes no *Jatapuzinho* e também fui explicando para as pessoas que me perguntavam curiosas com os meus estudos de mestrado em antropologia. Com as minhas explicações ficou mais fácil e todos perceberam que eu não estava ali para impor e nem tirar nada. Dessa forma me trataram de maneira amistosa, por ser um WaiWai, e inclusive colaboraram com algumas informação que foram importante para a construção deste trabalho.

As recomendações do meu tio Kîrînu

Depois de uma longa viagem partindo de Manaus no estado do Amazonas, onde estudava, para minha *comunidade Anauá* em Roraima, de lá para a *comunidade Jatapuzinho* e depois para o Mapuera, no Pará. Seria minha segunda participação em uma grande reunião no *Jatapuzinho*. Quando cheguei me hospedei na casa da minha tia *Tukusunari*, que me acolheu me recebendo com boas vindas, pois dificilmente chego com frequência nessa *comunidade*.

Diante dos meus demais tios que estavam ali presentes, entre parentes na residência da minha tia *Tukusunari* em que estávamos reunidos, me perguntaram porque eu estava na *Conferência* sem meus pais e, apenas com minha bolsa, um computador e um caderno. Eles queriam saber o que eu tinha ido fazer na *comunidade Jatapuzinho* daquele modo. Claro que já sabiam que eu estava estudando em Manaus, fazendo mestrado em antropologia, mas estavam curiosos para saber melhor e ouvir de mim o que eu estava fazendo e para onde iria com isso.

Então, iniciei a explicação do motivo da minha ida dizendo que eu estava cursando o mestrado em antropologia na Universidade Federal do Amazonas. Bem, parece que meus tios ficaram surpreendidos com minha explicação, dentre eles, *Kîrînu*, meu tio-avô, que ficou me olhando. Senti que ele queria dizer algo na hora, porém hesitou, então me perguntaram porque essa escolha e não outra, então me senti um pouco incomodado com as perguntas de *Kîrînu*: por que antropologia, tantas outras áreas, tinha que ser isso? Falou meu tio com raiva diante da minha presença.

Meu tio *Kîrînu* que hoje é pastor da *comunidade Katuau*, participou de um momento marcante na história do povo WaiWai. Aquele que os missionários chamaram de “evangelização”. Isto é, quando os missionários se instalaram em *Yakayaka* nos anos 1950, *Kîrînu* já era nascido, e mesmo criança viveu as experiências transformadoras no cotidiano da vida que levavam longe dos brancos. Quando os missionários chegaram, ele passou a conhecer novas maneiras de vida, e a partir desta nova experiência participar de todo um processo que incluiu muitas transformações em suas vidas.

Esta nova convivência com missionários fez com que eles entendessem que os antropólogos não são uma boa opção para o melhoramento da nossa vida. Pois os antropólogos iam apenas para observar, escrever e partiam novamente. Com os missionários eles entenderam que eles levaram coisas boas, que consideram certo até hoje. Então, no

pensamento do meu tio *Kîrinau*, a antropologia só serve para acabar com nossos pensamentos bons. Os antropólogos só querem fazer com que voltemos nossos pensamentos para o passado, para o comportamento errado e as coisas que fazíamos antes de conhecermos o verdadeiro Deus. Atualmente é essa ideia que ele defende.

O que fez com que ele ficasse indignado com a minha posição, em escolher essa área para estudar, e falou:

Então você não veio para a Conferência realmente como um WaiWai e sim como um pesquisador antropólogo. Não veio para ouvir a palavra de Deus. Você veio aqui para levar informações, para estudar apenas.

E essa foi à interpretação que a maioria dos líderes pastores fizeram, pois é assim que é a compreensão dos WaiWai sobre os antropólogos, depois que os missionários americanos puseram para eles um jeito novo de pensar. Eu entendo meus parentes como meu tio *Kîrinau*, foi assim mesmo que os missionários falaram dos antropólogos. Mas, hoje eu sei que os missionários ficaram muito bravos com o antropólogo dinamarquês Niels Fock que esteve lá em *Yakayaka* para fazer seu trabalho. Naquele tempo os missionários ajudaram ele traduzindo as palavras de Ewka. Depois o antropólogo foi embora e escreveu no trabalho dele que os missionários estavam acabando com a cultura dos povos WaiWai. Meus tios e parentes não sabem disso, por isso pensam que os antropólogos são ruins.

Tem muitas outras coisas importantes em tudo isso, mas agora quero apenas dizer que eu só consegui autorização para fazer minha pesquisa depois de uma longa negociação com os pastores do *Jatapuzinho*. Quero agradecer aos meus parentes de lá que me ajudaram e me apoiaram na igreja dizendo todos que eu era WaiWai e os pastores não podiam me proibir de fazer a viagem com meus parentes para o *Mapuera*. O pastor finalmente concordou, mas me disse que da próxima vez eu deveria trazer autorização da FUNAI.

A palavra do pastor contra a minha pesquisa

Quando retornei a *comunidade Jatapuzinho*, em 2017, depois de 14 anos, encontrei mudanças perceptíveis, em todos os aspectos que envolvem a *comunidade*. Essa mesma região onde os últimos *Enîhnî-komo/índio não-visto*” habitavam antes de ser fundada nos anos 1984. Com o tempo e os acontecimentos, o lugar foi passando por mudanças muito grandes. Antes mesmo da minha ida, já tinha na minha imaginação a ideia de deparar com essas mudanças, tanto de lugares das construções, como posições das lideranças locais. A mudança aconteceu, como já era esperado, mas ao longo desses tempos, na comunidade, outras lideranças saíram ou foram trocadas de suas funções; outros permaneceram, como é a questão dos pastores da igreja da *comunidade*.

Muitas coisas estavam mudadas, outras não. Algumas pessoas tinham saído para fundar outras *comunidades* próximas, pois acharam que assim seria melhor para eles. Que cada líder organiza sua *comunidade*, além de outros motivos que influenciaram as suas partidas, assim agora temos: as *comunidades Katual, Samaúma, Makara, Soma e Cobra*. A diferença que cada uma dessas *comunidades* tem com o *Jatapuzinho* é que os pastores de lá continuam sendo as mesmas lideranças, indicadas inclusive pelos tuxauas fundadores e que seguem as opiniões dos mesmos. No *Jatapuzinho* as lideranças perceberam que o pastor é que toma a decisão final, que por esse motivo um dia Kirinaw foi tirado das suas funções de tuxaua o que levou sair de lá.

Passando por momentos assim é que enfrentei como um estudante de antropologia o poder dessa autoridade, o pastor. Ele não precisa comunicar aos tuxauas de lá sobre suas decisões, embora eles também sejam responsáveis pela *comunidade*, mas ele também não está acima de todos. Como falei, tive que esclarecer os motivos que me levaram a fazer minha pesquisa de antropologia. O pastor se pôs contra a minha área de estudo e a minha pesquisa também, fazendo muitas críticas, afirmando que a antropologia não iria servir para mim como um WaiWai. Que iria me tornar como alguém com um pensamento *Karaiwa*, gente branca, um pensamento não crente, de acordo com ele igual aos outros antropólogos brancos que já tinham passado por lá. Mesmo assim, ele teve que aceitar o que os moradores achavam e me liberou para seguir em frente com minha pesquisa.

Seguindo seu pensamento, constatado por todos como sendo particular, próprio do pastor, outras lideranças questionaram. Ele dizia que eu precisava de autorização para fazer minha pesquisa, algo que nunca tinha sido exigido para um WaiWai. Fui pego de surpresa

mesmo, eu não havia me preparado para essa circunstância, que foi levar por escrito um documento constatando os meus objetivos junto com a assinatura das lideranças WaiWai, e de que eu teria de ter em mãos, antes de seguir a viagem, um documento de autorização, que me desse a permissão para poder pesquisar, registrar e inclusive seguir viagem para o *Mapuera* na companhia dos demais parentes e moradores de lá.

Quando digo que nunca houve obediência das pessoas com relação ao que me foi pedido e ainda em forma de documento, estou me referindo aos muitos acontecimentos vividos pelos WaiWai por tempos, que não precisavam desse tipo de documento para andar pela região. Visitar e conhecer os lugares, seja durante eventos ou não, para visitar seus familiares, permanecer em aldeias era o que todos podiam fazer livremente, mas com o consentimentos.

Ainda hoje, nesses tempos modernos de *Conferências* e *Assembléias*, todos realizam casamentos e mudam de localidade por conta do seu parceiro e seguindo seus interesses pessoais e coletivos. Reconhecendo dessa forma, que os outros líderes também se utilizam de seu poder para tentar impor suas vontades pessoais, o que realmente acontece é que acaba prevalecendo a vontade da maioria.

O pastor, na sua visão, considerando que a minha presença de antropólogo pesquisador não era bem no evento, por interpretar a antropologia de maneira errônea e totalmente diferente da que eu apresentei. No fim, ele foi derrotado na reunião em que as pessoas se pronunciaram a meu favor dizendo que, eu sendo um WaiWai, igual a todos que estavam ali, não teria porque ser tratado com aquela diferença que o pastor queria, me pedindo o que não seria pedido de mais ninguém entre os que seguiriam a viagem.

Por fim, o pastor recuou com a exigência, porém, me alertando que foi apenas daquela vez que ele deixaria eu continuar a viagem para o *Mapuera*.

As conversas com os jovens amigos, parentes e conhecidas.

Durante a minha estadia no *Jatapuzinho*, reencontrei pessoas que compartilharam da minha infância, além dos meus familiares, bem como amigos e moradores, assim como outros que conheci nesse mesmo tempo. Trata-se de pessoas com quem interagi e também realizei parte das minhas atividades diárias, essas pessoas foram fundamentais para realização do meu trabalho, pessoas como Asakno, Emram, Ciparawa, Manamasa, Temoti e Cayuma, entre outros que viveram e mais compartilharam com meu trabalho, pessoas que ainda hoje estão no *Jatapuzinho*. Em relação ao pessoal do Mapuera, também tive o privilégio de conhecer parentes por parte do meu pai. Foi onde eu conheci velho *Poriswe Katwena* (e assim que ele se identifica). O outro seria o *Tuuwi Xereu*, ambos estavam participando dessa *Conferência na comunidade Jatapuzinho*.

As pessoas que fizeram parte da minha história quando criança foram tios, primos, amigos e conhecidos que acompanharam um pouco da minha trajetória nos primeiros anos da minha vida, encontrá-los novamente com mais idade, fez com que tivéssemos muito do que contar uns aos outros. Foi motivo de felicidade saber que o meu trabalho tenha me proporcionado momentos iguais a esses, assim como não menos satisfeito por ter conhecido novas pessoas, tanto do *Jatapuzinho* com de outros lugares que ali estavam também.

Existe uma maneira dos WaiWai reconhecer seus parentes falando dos seus ascendentes, assim sabemos quem somos. Então a minha apresentação não podia ser diferente. Falei do meu avô *Ewka*, pessoa que é motivo de muito orgulho para todos os WaiWai. Por ter sido um forte influenciador para o povo, isso fez com que todos me vissem com boas referências. Esse mesmo fato foi usado para conversar com as minhas novas amizades, pois também tinham curiosidades sobre minha pessoa e família. Logo estivemos fazendo o trajeto dos nossos destinos juntos, momentos em que mais dividiram comigo as suas experiências, velhos, jovens e adultos.

Os preparativos para a partida

Concentrado apenas na viagem de retorno com o pessoal da aldeia Mapuera, depois de negociar com o pastor para que eu pudesse fazer minha pesquisa com os WaiWai, isso é, fazer a viagem de volta com aqueles que iriam retorna para o Mapuera depois da *Conferências*, concentrei em minha viagem. Saímos de canoa da *comunidade Jatapuzinho* levados pelos moradores locais até a entrada da trilha que seguia pela floresta, quatro horas subindo o rio Jatapuzinho. De lá seguimos por dois dias até chegar noutra braço de rio, depois decemos passando por muitas *comunidades* até chegamos na grande *comunidade Mapuera*.

Além dos acertos com os parentes, preparando rancho, bolsas e equipamentos, em minha cabeça eu tentava organizar tudo aquilo também. Aquela seria minha primeira viagem para a *comunidade Mapuera*, a maior concentração WaiWai que eu sempre quis conhecer. Eu pensava naquela viagem que todos os WaiWai conhecem de algum jeito, ou já fez um dia, ou já ouviu muitas histórias dos que fizeram. Aquela viagem que nossos pais, avós, bisavós e ancestrais sempre conheceram bem. Ao mesmo tempo, a viagem que agora eu faria pensando em “rotas de visitasões e de transformações” no meu estudo de mestrado. Com aquela ideia de que todos aqueles que faziam e ainda fazem essas rotas se transformaram nos WaiWai.



Figura 02: Foto de Alexandre Aniceto de Souza, agosto de 2017. Partindo da comunidade Jatapuzinho.

Como podemos ver na imagem as pessoas embarcadas nas canoas para partir rumo ao igarapé *Yukutu* de onde começaria a longa caminhada. Cada grupo de pessoas bordo, num total de 10 a 15 pessoas por barco, que iriam voltar para sua *comunidade*. As pessoas se despedia com a expressão de costume, *amne hara/adeus*. Percebo que outros não querem retornar para sua *comunidade* no Mapuera, no caso dos jovens, muitos ficam querendo ficar com seus parentes. Outros que tem uma condição de pagar sua passagem aproveitam um avião que a Missão, MEVA , freta para as lideranças e quando sobra espaço vendem para os que quiserem retornar mais rápido para sua *comunidade*. Outros ainda retornam de ônibus pelas vilas e cidades até pegarem um barco em Oriximiná.

Acompanhei aqueles que retornaram pelos rios e picadas, com seus jamaxins cheios de presentes, levando mercadorias diversas, como chumbo, flecha, pólvora, plantas e até mesmo cachorros. Todas essas mercadorias sempre foram trocadas pelos povos que viviam nesta região, fazendo visitas, festas, trocas, etc.. As pessoas vão se despedindo e ao mesmo tempo combinando que na próxima ocasião eles vão visitar, levar seus filhos para conhecer ou até mesmo casar. Muitos ficam no porto chorando e perguntando quando voltarão de novo, então essa realidade há muito tempo acontece, desde os tempos mais remotos dos nossos antepassados, quando ainda sequer sabiam que eram os WaiWai.

Os acertos entre os líderes responsáveis pela viagem e viajantes

Quando estive na *comunidade Jatapuzinho* com as pessoas que estavam na *Conferência* em 2017, a comunidade estava organizada pelos chefes maiores. No caso, o chefe maior era o pastor, responsável principal pelo evento, as bebidas, as comidas, os transportes de retorno, entre outros. Ele que coordena a programação, os horários da chegada assim também como da saída com seus convidados. E em segundo plano, presenciei a situação do líder no caso o *Tuxaua e os Vice/Antomane*, aqueles que quando vem visitantes mostra a hospedagem ou gritam chamando as pessoas para reunir na casa grande *Uumana*. Essas mesmas pessoas exercem suas funções de acordo com o mando dos pastores.

A primeira coisa que fiz foi acertar com o líder tuxaua da *comunidade Mapuera* para acertar tudo com ele antes da viagem, para que lá na frente não acontecesse nenhum problema com a minha presença. Então, ele comunicou para os moradores da *comunidade* que eu estava autorizado para seguir a viagem junto com as pessoas que retornariam em seguida. Como já tinha comunicado, um líder das embarcações me encaminhou para o grupo que eu iria integrar até o Mapuera.

Conversei também antes de embarcar com Parwe atual tuxaua da *comunidade Jatapuzinho*, que também me auxiliou desejando boa viagem e sorte em minha pesquisa. Então, foi importante esses acertos da ida e do retorno também. Só o pastor não me desejou uma boa viagem, parecia que não estava de acordo com as ideias colocadas a respeito da minha pesquisa e também da viagem. Embarquei com uma família de katwena, seu Isaya, que mora na *comunidade Kwanamari*, que era neto de um dos que eu tinha conversado para realizar minhas entrevistas. Com a família de 8 pessoas no barco seguimos do *Jatapuzinho* para o *Yukutu*. No primeiro dia de viagem gastamos quase 5 horas subindo até chegar ao acampamento onde passamos a noite. O rio estava com o nível baixo, por isso tivemos que descer antes mesmo do combinado para seguir pela trilha.

A viagem pela mata

No dia seguinte, antes de seguir a viagem, reunimos fazendo uma oração e pedindo a proteção para todos, tudo comandado pelo líder *Ihpore anoriñe*, escolhido pelos tuxauas. Então esse mesmo líder gritou dizendo *Ime tak ehcoko oroto tihcexe Marawa pona yiwinso*, “pessoas fiquem prontas, hoje faremos um longa viagem e vamos nos acampar em *Marawa*”. Notei que essa organização feita por eles como sempre para levar o pessoal estava dando certo e a maioria estava dizendo que ele era bem paciente e levava as pessoas com cuidado.

Às 6:00 horas da manhã as pessoas já desfaziam suas redes e seus barracos para seguir a viagem. No retorno as pessoas são mais rápidas e não querem perder tempo, estão pensando em chegar logo em suas casas, então todos já estavam prontos para partir. Como de costume na comunidade Anauá, pensei que fossem chamar para tomar um café da manhã, mas foi diferente, as pessoas simplesmente saíram todas às presas sabendo que a viagem seria muito longa. Outra coisa que notei foi o mal planejamento por parte dos pastores que realizaram a *Conferencia*. As pessoas que retornavam andaram reclamaram dizendo que os organizadores da conferencia não planejaram da forma como eles pensaram, apesar que cada pessoa tinham obrigação de levar 10 litros de gasolina no jamaxim, até o outro afluente daquele igarapé que chamamos de *iicawau* que durou três dias de picadas. A maioria reclamou com a atitude das lidranças.

Então percebi com eles também que deveria ter solucionado esse problema antes mesmo dessa viagem a questão dos combustíveis, entendo que seria melhor transferir uma quantia de dinheiro para conta da igreja e o pessoal do Mapuera iriam buscar as pessoas que estavam retornando para o igarapé *Iicawau*. Essa seria uma melhor saída, com menos peso nas costas para a maioria daquelas pessoas. Calculamos que estávamos levando quase 2.334 litros de gasolina pela picada. Com o peso do combustível andamos apenas 4 horas, não conseguimos chegar ao destino, em *Marawa*, que é uma árvore que os WaiWai usam a madeira como lenha.

Os grupos pelos caminhos

Durante a caminhada na mata, os grupos se dividiram por família e cada pessoa levou seus pertences em um jamaxim, cesto que é feito da palha de patoá, semelhante a uma grande mochila muito resistente e onde cada um levava suas bagagens, gasolina, suco, bolsas de roupas e outros utensílios.

Conforme a trilha ia se estendendo, o grupo formado no qual eu estava inserido, fomos encontrando com outros grupos pelo caminho que também seguiam. Nessa viagem as pessoas sabem que irão se encontrar com várias outras no decorrer da caminhada, com isso, é comum que enviem sinais uns aos outros, em forma de fortes gritos e assobios, e se estiverem próximos e ao alcance recebem respostas imediatamente. Fazem isso para identificar em qual posição se encontram, se mais adiante ou logo atrás. De vez em quando faziam uma parada, para descansar, se alimentar e também se hidratar com o que carregavam nas costas, por vezes perto de um igarapé por conter fonte de água limpa pelo meio da mata.

Nesses momentos de pausa, em que o líder do grupo é quem decide onde parar é sempre quando ele percebe que o grupo está precisando. Para poder continuar, as pessoas relaxam, comem e conversam um pouco, é também o momento em que os grupos se encontram por alguns minutos e logo levantam e seguem a caminhada. Para uma parada mais demorada, nesse caso o acampamento do grupo, quem escolhe o bom local e o horário também é o líder. Ele que tem que correr em busca de lugar melhor para o grupo, pois precisam montar o lugar onde irão descansar e porque precisam poupar suas energias para buscar seus alimentos como caça e pesca e assim garantir a viagem.

As paradas para refeições e descansos

Em todas as paradas que foram feitas continuamos fazendo tudo no coletivo, e logo tudo ficava pronto no acampamento, erguer o abrigo para as nossas coisas, atar as redes para o repouso. Tudo construído a partir de materiais que estavam ao nosso alance, em abundância, madeira, cipó e a lona que levávamos no jamaxim.

Enquanto uns vão caçar, pescar, outros vão à busca de lenha, água e outros serviços, tudo o que era necessário para o local ficar seguro e confortável. Mas existe uma divisão que devem ser cumpridas nesses afazeres, o serviço de montar o acampamento, na parte de buscar as madeiras, erguê-las, amarra-las com o cipó e pôr a cobertura, até que fique totalmente pronta para ser ocupada, limpar próximo à área para a melhor tranquilidade e afastar os animais selvagens e peçonhentos. Principalmente no período noturno, é trabalho dos homens caçar para as refeições coletivas.

A outra metade dos serviços cabe às mulheres executar, como tratar os animais que os homens trazem, prepará-los para comer, bem como é de suas responsabilidades o armazenamento desses alimentos. Elas também vão preparar as bebidas, e chamar a todos para as refeições, quando os homens terminam seus trabalhos elas é que vão cuidar do acampamento, como limpar, zelar pela permanência e organizar a posição de cada um, vão buscar água para o consumo, e às vezes pescam perto do acampamento e de forma rápida.

As caças mais abatidas são o cateto, mutum, paca, anta e macaco, e os peixes são trairão e também peixes de couro e jacarés, que estão ali por perto. Os WaiWai hoje, por serem descendentes de uma mistura de culturas distintas, podem ser mais exigentes com relação aos alimentos na hora de ingerir, alguns podem aceitar muito bem certos tipos de comidas como o jacaré, arraia, jabuti, entre outros.

As pessoas se reúnem, antes de se servirem para uma pausa e fazer suas orações, agradecem por estarem ali e pedem para que possam continuar a viagem seguindo até o local onde desejam alcançar na jornada. Antes das refeições sempre se faz uma oração, e todos se alimentam, depois. Abaixo temos uma imagem que retrata bem um acampamento na mata, terminado as tarefas e agora descansando para seguir até o destino final.



Figura 03. Foto de Alexandre Aniceto de Souza, agosto de 2017, acampamento de descanso *Marawa*.

O igarapé karapau, lugar do velho Pararaka/Karapauyana

Levamos quase treze horas para chegar até um acampamento na mata, esse mesmo acampamento que os últimos *Enîhnî/indíos* chamavam de *Marawa ñerî*, lugar onde viviam aqueles que foram chamados de *Karapauyana*. Esse mesmo lugar, hoje assim conhecido pelos WaiWai, serve para descanso das pessoas que passam por lá. Descrevo esse lugar como encantador, pois nele tem belezas naturais de encher os olhos, com detalhes como o riacho com águas correntes cristalinas, árvores que cresceram e dão um charme ao local, mais em especial a sua fonte, onde ainda hoje vivem alguns *enîhnî-komo/povos não-vistos*. Esse mesmo lugar onde estávamos acampando era o lugar central dos *karapauyana*, onde eles costumavam fazer suas caças e também pescavam trairão no igarapé, assim falou o velho líder *Pararaka*. Esse era o “centro” do território para eles, onde tinha mais caças e eles ocupavam há muito tempo.

Neste acampamento *Marawa*, assim como é chamado pelos WaiWai, também já era conhecido de muitos anos como *Marawa ñerî* pelos *Karapauyana*. Aquele local, pude perceber, não era um lugar habitado apenas por *Pararaka* e seus parentes, mas pareceu que a área já tinha sido explorada por outros grupos que viveram lá antes mesmo da dos *Karapauyana*. Nesse lugar encontramos com facilidade muitos objetos antigos feitos de cerâmica, pontas de flecha feitas com pedra, machado de pedra, panelas de barro e também algumas plantas que não são típicas do lugar.

Existem por ali abacate/aape que tinha ao redor da antiga *etamri/centro*, como os próprios *Karapauyana* chamavam quando ainda não tinham sido “encontrados” pelos WaiWai. O igarapé tem aproximadamente três metros de largura e profundidade de 1,30 m, essa foi a medida que fiz quando estive nesse lugar, e saber que era ali na beira do igarapé que moravam antes, o velho *Pararaka* e seus parentes antes de se unirem aos WaiWai e virarem os *Karapauyana*, isso me deixou pensativo.

O velho *Pararaka* é quem liderava as pessoas naquele território que até hoje tem muita fartura. Como ele mesmo me contou, eles tinham os lugares certos onde caçaram e pescaram, pois existiam outros grupos que ocupavam áreas não muito distantes e eles evitavam avançar muito o território um do outro para evitar conflitos. *Pararaka* mesmo depois de ter saído dali, levado por Ewka para o Mapuera, continuou lembrando as histórias do lugar, mesmo depois que passou a conviver entre os WaiWai.

A companhia dos velhos/Pooco Xereu e Katwena

Na companhia dos WaiWai que estavam ali a bordo, tive o privilégio também de me encontrar com alguns velhos pelo caminho. Eles andam conversando e retratando coisas, contando histórias que tinham vivido antes. Percebi em certo momento que estavam falando daquelas rotas que faziam antes de serem WaiWai, por isso a companhia deles e o encontro também foi muito importante para mim. Tive a oportunidade de saber sobre as viagens que o velho *Poriswe Katwena* fazia, contava sua historia do passado dizendo que quando não tinha essa bagagem que estávamos carregando em nossas costas, tudo era mais fácil e que essa trilha que estamos fazendo os meus pais faziam em menos de um dia. Falava se referindo a força que eles tinham, hoje vejo que as coisas mudaram, que tinham mais cargas nas costas do que a força de antes.

Esse fato de me deparar com um velho *Poriswe* aconteceu no segundo dia, e onde tive mais oportunidades de conversar foi nas paradas que fazíamos entre outras pessoas. “*Fazendo essa rota parece que repetíamos muitas vezes, sempre somos repetidores das mesmas coisas que fazemos*”, parece que se referia aos lugares e às distancias que cada vez mais ficavam maiores.

A companhia do *Poriswe* ficava melhor ainda quando parávamos para o descanso, por que lá ele imitava as pessoas com que já andou há muito tempo atrás, e também falava das viagens que fazia quando ainda ele era criança e lembrava muito sua visita à cabeceira do rio Mapuera, quando foi até à Guiana onde segundo ele tinha um sobrinho casado. Certamente se referindo ao tempo em que viveu naquelas casas que os antropólogos chamaram de casas coletivas. Como mostra o autor norueguês Niels Fock em seu importante trabalho (1963).

Como já se sabia aquele lugar por onde estávamos fazendo a viagem, era lugar onde os *karapauyana* moravam. Ainda hoje sabemos que alguns deles estão vivendo por ali, próximo de *Marawa nerí*, porque foi assim que o finado *Pararaka* contava quando desenhava a forma de se organizarem. Para mim tinha alguém que estava só nos observando de longe, assim também senti o velho *Katwena Poriswe* quando percebeu que estávamos ficando para trás e alertou pra que eu andasse mais rápido para alcançar os outros que estavam na frente. Foi quando eu percebi que estava se referindo aos *Enihnê komo/povo não-visto*, aos parentes de *Pararaka* que ainda vivem por ali.

A companhia dele foi suficiente para eu tratar das rotas de visitas, por que me contaram um pouco sobre as longas viagens que faziam antes de serem WaiWai. Essas viagens eles faziam com frequência e não era como fazem agora, por ocasião das *Conferencias*. “Naquela época quando não conhecíamos a religião cristã, andávamos quase em todos os lugares apenas pra beber, fumar tabaco, fazer festas e também raptar mulheres, fazíamos isso quando não conhecíamos Deus. Isso causava muitas vezes brigas e vinganças, era assim que vivíamos antes de sermos WaiWai.” (i.p.*PORISWE 2017*).

As comunidades do caminho e a chegada no Mapuera

A nossa viagem se estendia cada vez mais, passamos longos dias e horas viajando. Boa parte do percurso nosso transporte foi a canoa e quando era preciso, tínhamos que empurrar nas pedras, todas aquelas pessoas que estavam a bordo ajudavam para poder continuar. Passamos pelas cachoeiras, ou quando havia árvores caídas atravessando o rio que impossibilitavam a passagem das Canoas, por mais cansados que estávamos continuamos seguindo o percurso sob orientação do líder *anoriñe* que ia na frente. As vezes, cansados queríamos descansar ali mesmo, mas precisávamos seguir para chegar ao destino que estava planejado. Tínhamos que chegar ao nosso acampamento, um local que já tinham parado antes, assim informava o guia alegando que estávamos perto, e que o local tinha sido preparado para nos esperar.

Entre tantas cachoeira não era possível seguir rapidamente pois ali havia muito obstáculo, o rio estava com baixo nível de água, fora do normal. Por isso que levamos mais tempo para chegar ao acampamento para depois seguir até a primeira *comunidade*, por serem grandes as Canoas, tínhamos que usar muita força para vencer a correnteza das águas. Outra forma de atravessar esses pontos difíceis foi encontrando um local estratégico para posicionar as Canoas sem correr o risco de perde-las, com isso, levamos quase um dia inteiro para chegar até no acampamento entre os afluentes do rio *Kikwo* à direita e a esquerda o *Tupurmem*, onde acabam os afluentes e cai no rio Mapuera até chegar nas *comunidades* que ficam há um dia dali.

Levamos nessa viagem pelos menos 10 horas até chegar à primeira *comunidade*, chamada *Bateria*, localizada no rio Mapuera. Observei que todas as *comunidades* por onde passamos, em todas elas, tem uma família WaiWai formada por casamento interétnico. Notei também que em cada escola WaiWai do rio Mapuera, aquelas que estão misturadas com outras etnias, todas mantem a língua WaiWai que desde crianças é aprendida e ensinada nas escolas. Em cada local que passei, mesmo com breve parada, eu rascunhava as localidades fazendo um mapa.

Desde que chegamos no igarapé do *Icawau* até abaixo no rio Mapuera, anotei afim de elaborar as informações para minha pesquisa. A maioria das *comunidades* foi formada com pessoas que haviam saído da grande *comunidade Mapuera*, a partir dos anos 1990. Foram formando novas *comunidades* ao longo desse rio que soma hoje um total de onze *comunidades* como mostro no desenho abaixo.

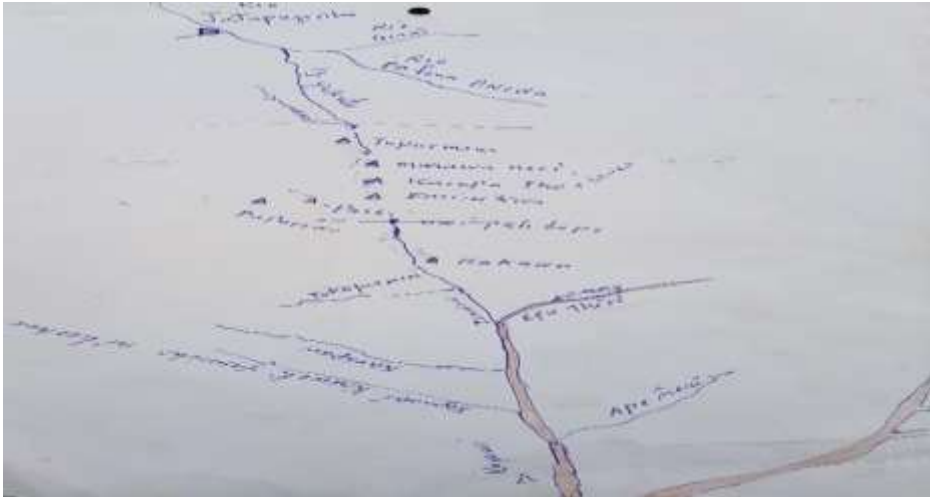


Figura: 04 mapa em rascunho, localização e as margens da comunidade. Elaborado por Alexandre Aniceto de Souza 2017.



Figura: 05 mapa em rascunho, localização e as margens da comunidade. Elaborado por Alexandre Aniceto de Souza 2017.

A Comunidade Mapuera

A *comunidade Mapuera* localiza-se na Terra Indígena Nhamundá/Mapuera. O ambiente é bastante diversificado em relação a flora e também a fauna. Localiza-se a 123 km de distância em linha reta de Roraima e está no estado do Pará, município mais de Oriximiná, fronteira com o estado do Amazonas.

Do pouco que conheci por lá, as pessoas que querem viajar para a capital precisam do acesso aéreo para se deslocar, pois a *comunidade* depende apenas do rio no período quando ele está cheio para se deslocar, e quando chega a época do verão fica muito difícil a viagem de barco. Pode levar até uma semana e meia até chegar à Cachoeira Porteira, onde esta o povoado quilombola próximo ao limite da Terra Indígena.

A Terra WaiWai no rio Mapuera é reconhecida e registrada. Abrange os estados do Amazonas, Pará e Roraima: T.I. Nhamundá-Mapuera (PA), com 1.049.520 hectares e aproximadamente 2 mil pessoas, Xereu yana, Katwena yana, Mawa yana, Hixkari yana, Taruma yana, Paríkwoto yana, Ciki yana. Todos WaiWai morando na terra indígena conforme o senso do posto de saúde indígena da *comunidade*.

Depois da longa jornada pela floresta, seguimos pelos rios passando pelas três *comunidades* que se localizam à margem do extenso rio Mapuera. Antes de chegar na maior, que leva o nome do rio, descemos o igarapé *Iicawau* assim batizado pelos *Karapauyana*. Desde o momento da nossa saída do último local, às 08:00 horas da manhã, chegamos ao nosso primeiro lugar de parada, na *comunidade Bateria*. Uma pequena aglomeração onde poucas pessoas moram e a maioria diz que é descendente de Xereu. Hoje os Xereu habitam não só esse local, mas também se encontram espalhados por toda a Terra Indígena.

Então, o *amtomañe*, líder do grupo que estava mais a nossa frente, negociou primeiramente com o tuxaua *Ihtori* da *comunidade Bateria*, dizendo que estávamos a caminho, que pretendíamos chegar ali e fazer uma parada. Ele respondeu que lá eles estariam ainda em menor número de pessoas, que se a maioria dos outros moradores tinham ido para a cidade, no município Oriximiná. É comum os moradores que se encontram por essas bandas, saírem em grande número para ir até a cidade e só voltar depois de uns dias, pois não é sempre que vão, e aproveitam para resolver as suas coisas de uma vez só.

Depois que essas lideranças negociaram a nossa hospedagem na *comunidade Bateria*, fomos nos aproximando e passamos a desembarcar no local. Fomos todos para a casa grande, o *Uumana*, lugar onde ocorrem os eventos coletivos e também onde visitantes são recebidos. É de costume os visitantes que chegam fazer uma breve apresentação de danças e cantos juntos e na presença dos moradores, significa que é algo importante acontecendo na *comunidade*, e eu curioso por nunca ter estado ali, aproveitei para conversar com pessoas mais conhecedoras do local, mais para saber sobre o local.

Aos poucos fui entender que naquela *comunidade*, antigamente, funcionava um garimpo. Quando foram para lá, existiam muitos maquinários e garimpeiros, o lugar era tomado pelas pessoas não indígenas, e depois da demarcação da Terra, virou área indígena, tudo isso foi interrompido e os exploradores deixaram o local. Como havia muitas baterias, que provavelmente foram deixadas pelos garimpeiros, as pessoas que hoje moram por lá, escolheram o nome e assim ficou. Essas mesmas pessoas são aquelas que saíram do Mapuera, para morar ali. Como todo visitante, não fui tratado diferente nessa *comunidade*, na qual também tive que falar para todos o lugar de onde eu vinha, filho de quem e neto de quem eu sou. Essas são as perguntas a um visitante, de passagem que costumam fazer.

Assim, em quase todas as *comunidades* pequenas do rio Mapuera nós paramos, para deixar as pessoas que voltavam da *Conferência* e que estavam junto a nós fazendo a viagem de volta. Todas as pessoas eram deixadas no porto de suas *comunidades*, o interessante que, onde parávamos, nós, os visitantes, tínhamos que se nos apresentar para as pessoas que estavam na *Uumana* prestigiando a nossa chegada e passagem, para só assim, depois tomar a bebida servida *wooku*. Uma bebida não fermentada feita de polpa de buruti ou bacaba com a mistura da goma extraída da mandioca. Mas seguindo a lógica dos WaiWai, onde os *Pawana/Vistantes* passam, sempre tem que se apresentar diante de todos, assim fica mais fácil para os gentis hóspedes saberem quem é que está chegando.

Por onde paramos sempre tinha alguém que se dizia ser parente de Ewka, meu avô, muito conhecido por toda região. Então para mim, seriam os meus parentes, eu fui aos poucos descobrindo que somos um povo só, descendentes daqueles que viviam longe da modernidade e que hoje estamos nos conectando, fazendo com que esses lugares, antes muito distantes, fossem se tornando agora mais próximos, com relação ao contato entre as pessoas. Para quem faz essas visitas em outras *comunidades*, já estão mais acostumados a ter esse tratamento por parte dos demais, porém, tem uma consideração muito grande, com uma atenção especial, um *Pawana* de verdade, que é aquele que nunca foi visto pelas redondezas dali, e pela primeira vez estava passando por lá. Eu era um deles que tinham mais

curiosidade em saber sobre minha pessoa, senti isso e tive como reconhecimento da parte deles pela minha presença.

Pelas *comunidades* onde paramos a maioria das pessoas se dizia ser da Xereu ou Katwena. Sem nenhum medo ou vergonha, e nem precisavam, se apresentam da forma como acham melhor e como os demais conhecem. Xereu ou Katwena, pois, todos vivem pacificamente. Descemos apenas em três *comunidades*: Bateria, Pomkuru/banho de lua e Tamyuru/beiju do tio, até chegar à grande comunidade *Mapuera*. Em todos os eventos foram semelhantes, nos aproximávamos, todos desciam das embarcações, dançamos, cantamos fazendo nossos gritos e assobios como bons visitantes. Conto que com esses momentos, nos divertimos bastante, é um acontecimento impar para nós, assim também como fomos recebidos em cada *comunidade*, com danças e músicas, e as comidas e bebidas preparadas por causa da nossa presença ali. É assim a forma ideal de recepção que os WaiWai pensam.

Pawanas

A *comunidade Mapuera* fica na margem esquerda do rio e é a maior *comunidade* WaiWai, com uma população de aproximadamente mil pessoas de várias etnias. Percebi que a maioria, como nas outras *comunidades* que havia passado, são pessoas que se dizem ser Xereu e Katwena e outros distribuídos em menor número, Mawayana, Hixkariyana, Cikiyana, Tarumayana e Paríkwoto, entre outros. Como já era previsto por todos no decorrer da viagem, os moradores e outras pessoas que já se encontravam no *Mapuera*, já estavam nos aguardando. A maioria da *comunidade* já havia feito os preparativos para nossa chegada, as comidas e as bebidas para nos oferecer, ornamentação do local, em especial a casa coletiva *Uumana*, com os instrumentos de som e cartaz, tudo feito da melhor maneira com o que a *comunidade* tem para apresentar. E nos receberam de forma muito alegre, todos bem hospitaleiros.

Nós chegamos como *Pawana yana/povo visitante*, pessoas de outro lugar naquela *comunidade*. Como sempre o ritual WaiWai nos obriga a fazer as danças pela grande casa, com as pessoas nos olhando, tentando adivinhar quem somos e de onde viemos, acontecimento que se iniciou desde quando a nossa canoa se encostou no porto. Fomos pelo caminho dançando, ao redor da *casa coletiva* e a dança continuou também dentro, é uma forma de nos mostrar para todos os presentes quem somos e também que estamos chegando. Assim também como é uma forma de os moradores fazerem a nossa recepção, eles já tinham suas músicas, criadas com letras especialmente para nos dar as boas-vindas.

Fomos recebidos com esses cantos e as danças coreografadas pelas mulheres. Dançamos também e tomamos as bebidas que nos foram oferecidas, até que todos já tenham nos vistos, as lideranças da *comunidade* pararam para que assim pudéssemos nos apresentar formalmente. Fato que ocorre na frente, quer dizer, numa parte da *casa coletiva* onde todos param juntos e enfileirados para a devida apresentação, onde também se encontravam os representantes da *comunidade*. Assim também foi minha apresentação, falei um pouco da minha pessoa, e o motivo por que eu estava lá.

Depois serviram o almoço, onde todos nos comemos e bebemos. Fiquei muito satisfeito com isso, depois desse acontecimento, fui para a casa de uma família parente por parte do meu pai. Eles se ofereceram para me hospedar, fiquei feliz, pois me senti bem recebido por lá e passei os dias na residência deles até o dia da minha partida para Manaus.

O retorno para Manaus e a organização do material.

Em meu retorno, depois de 27 dias no total que eu estive viajando, chegou a data que eu tinha acertada com uma lidrança para meu retorno. Então comecei a pensar em como eu iria preparar os dados levantados a cerca de toda a viagem, na maneira de organizar o meu material. Apesar de ter passado poucos dias nas *comunidades*, para mim foi o suficiente para conhecer mais profundamente este povo melhor.

Com a presença do segundo tuxaua, o senhor Roquenaldo Yaxikma, estive conversando sobre quantos dias levaríamos para descer de canoa até Cachoeira Porteira, para depois seguir de barco até ao município de Oriximiná. Então ele me disse que iríamos levar uns dois dias até chegar lá, pois o rio estava com o volume abaixo no nível normal, isso dificultaria um pouco a nossa viagem.

Ciente do período, já planejei que nesse meio tempo, daria para eu começar a digitar o trabalho, dos conteúdos que tinha registrado, das conversas gravadas e acontecimentos anotados no meu caderno de campo. Era a forma que tinha para registrar diante da situação, pois a *comunidade* naquele momento estava sem diesel para abastecer o gerador de energia elétrica. Ainda iriam buscar o diesel no município de Oriximiná, isso demoraria em torno de uma semana e meia. Era preciso fazer todos os processos da solicitação do combustível e que ainda iriam aguardar a resposta, que depende da prefeitura do município.

Devido a essa mesma dificuldade, algumas coisas não aconteceram como eu imaginava para compor o meu trabalho, como gravar em áudio e vídeos, algumas entrevistas e acontecimentos. Tinha pensado em tirar umas fotos, mas essa parte foi sem sucesso, o jeito mesmo foi seguir com o meu caderno de campo para dar sequencias nas minhas escritas e pensar na organização do meu trabalho. Nem por isso deixei de fazer minha pesquisa, pois segui escrevendo o que eu via e participava, anotando muitas coisas que me contavam durante o percurso. Informações que foram registradas como pude, a partir de relacionamentos com base na confiança que eu obtive das pessoas, isso facilitou e contribuiu para que todos esses fatos me ajudassem na escrita.

Assim que chegou o dia da minha partida, nos reunimos com os outros companheiros que fariam também a viagem, para nos acomodarmos em nossos lugares nas canoas. A viagem demoraria muito tempo, por volta de dois dias e uma noite, até chegar a Cachoeira Porteira, onde iríamos trocar a canoas pelo barco e assim seguir para Oriximiná e, por fim, eu iria para Manaus, minha última parada.

Waiwaização: pawana segundo os WaiWai

Para os WaiWai, o termo *pawana* é empregado em alguns casos relacionados ao encontro entre as pessoas. Significa visitante, a pessoa seja residente de outro lugar de onde ela está sendo vista no momento. Também pode ser usado no sentido de que uma pessoa seja pouco conhecida por todos, ou que também não seja vista com muita frequência entre moradores de uma *comunidades* qualquer.

Para os mais velhos a trajetória de *pawana* também acontecia de forma amigável. Quando as pessoas tinham seus contatos com outros grupos e trocavam muitas coisas, tudo ocorria de forma amigável, isso também é um significado do termo. Os grupos utilizavam a palavra no mesmo sentido, para descrever encontros que praticavam antigamente. Então foram se constituindo como um só coletivo, isso mostra que há muito tempo eles fazem essas visitas entre eles, os Xereuyana, Katwenayana, Mawayana, Parîkwoto, etc. Todos eles atualmente também são denominados de WaiWai, essas variações aconteciam antes mesmo de ser construído essa ideia de WaiWai.

Da mesma forma muitos outros significados podem ser dados, envolvendo outros povos além dos indígenas também. Estou me referindo aos missionários americanos que se aproximaram também em forma de *Pawana*, eram do tipo diferentes, mas não deixavam de ser *Pawana*, de acordo com a compreensão deles. Nesse mesmo contexto é que ainda continuam inseridos, esse fato de fazer as visitas, mais acontecendo de uma forma transformada, ou seja, com algumas mudanças feitas, passado o tempo da evangelização ou waiwaização.

Essas mesmas rotas de visitas e chegar como Pawana para se apresentar aos outros, acontece na contemporaneidade com algumas alterações nesses modos transformados. Primeiramente, porque as mesmas rotas que antes duravam meses indo de canoas e remos, hoje com a apropriação e manuseio dos equipamentos como motor de popa, chegam a durar entre sete a dez dias. Já o modo de chegar e se apresentar não são tão diferentes, é desse jeito que permanece vivo na memória dos velhos e repetem para ensinar aos mais jovens.

Os *pawana* é parte importante dos eventos que reúnem moradores de muitos lugares, porque vieram de fora para participar. Quando acontece a visita, pode se diferenciar em duas formas, assim como recentemente acontecem em nossas aldeias, onde esse fato pode ser realizado com *pawana verdadeiro* ou *farsante*.

Em relação aos *verdadeiros*, as pessoas bem distantes das outras, de lugares distantes, ou seja, aquelas pessoas que nunca visitam com frequência as *comunidades*, pode ser parente que vivem distantes ou não se vêm por muitos anos. Quando se encontram são tratadas como *pawana* verdadeiros. Hoje em dia para isso ocorrer é preciso que tenha algum grande evento, quando tem comemorações importantes em uma *comunidade* WaiWai. Esses mesmos Pawana verdadeiros, assim considerados, são parte fundamental para a construção dos coletivos como hoje são. O interessante é que esse mesmo fato continua acontecendo e os descendentes dando a continuidade a isso.

As *Conferências de pastores*, assim como também as *Assembléias de tuxawaas*, são frutos dessa prática que aconteciam antes da Waiwaização, na qual os *pawana/visitantes* se incluem. Foi sob esse olhar que presenciei a *conferência* no *Jatapuzinho*, onde a ideia é ouvir as pessoas cantando e nas suas canções expressarem o que preparam para os *pawana*. E também, como parte desses encontros acontece muitas trocas de mercadorias, e também os casamentos entre os jovens. Nesse caso chamo essas pessoas que vieram para a *comunidade Jatapuzinho* como *pawana* verdadeiros, assim como todos os Waiwai também entendem, por que nesse caso estão vindos de outros lugares e tornando os verdadeiros visitantes para os outros que estão anfitriões.

Um exemplo claro que presenciei foram às pessoas chegando do *Mapuera*, com eles os cantos falando: *como estão? de onde vieram? E o que vieram fazer?* Essas palavras estavam presentes nas suas canções, onde finalmente vem cantando e dançando na ponta da canoa em direção à beira do rio onde as pessoas ficam à espera deles. Essa é a principal explicação sobre os WaiWai, conforme lembram os mais antigos, baseado nesse fato das rotas de visitas e principalmente na importância de outros grupos.

O visitante verdadeiro, diziam os mais velhos, “chegava para fazer trocas de artesanato, facão, machado, etc. A gente chamava de *pawana* o visitante que chegava de outro lugar, que trazia em sua bagagem, algo diferenciado para trocar”. Assim como o nosso grupo também preparava para eles nossos itens de troca. Esse era o visitante verdadeiro; o que fazia compras, trocas, entre outras coisas.

Os visitantes tomam a precaução de anunciar sua chegada quando se aproximam, com assobio característico, “*ayaayaaa*”. Hoje em dia com a modernização, na chegada soltam foguetes anunciando sua presença, “*pawana está chegando*” isto é a mesma forma de dizer, preparem nossas bebidas, nossas comidas que estamos perto, isso é o significado do aviso antecipado.

Assim, durante esses tempos quando acontecem as *Conferências*, o Natal e a Páscoa, observei que as pessoas das *comunidades* WaiWai se organizam dias antes, para a chegada dos visitantes. As preparações não são como era antigamente, passaram por algumas mudanças também, como os instrumentos musicais que dependem da energia elétrica para animar os encontros. Nessas ocasiões de festividade, as mulheres têm um papel fundamental e específico, dançam na chegada dos visitantes, enfileiradas e ao mesmo tempo outras preparam as bebidas, os beijos, que vão oferecer pelo tempo que as visitas permanecerem entre eles.

Os homens que antes lidavam com as músicas e dançavam o *yamo*, a maioria deles ainda lida com as músicas, mas as danças se inverteram, hoje isso é papel para as mulheres. Outra mudança foi no tipo de dança que hoje não é mais *yamo* aquelas que eles faziam antes da waiwaização. Contudo, as formas de divisão das tarefas como aconteciam antigamente continuam. Outro ponto que ressaltado é quando o visitante chega pelo rio, sempre tem alguém, que é um enviado pelo tuxaua para avisar se os que estão vindo, estão perto do lugar onde estão sendo aguardados ou se estão precisando de algo, então ao saber desses sinais de que está tudo bem, esse mesmo retorna para avisar as pessoas, sem que outras o notem ou saibam onde estão, uma espécie de mensageiro oculto.

Mas isso se a chegada for pelo rio, nesse caso como sempre tem os *waanoyane* (cantores) onde se enfeitam e reúnem-se no barranco, às margens, cantando para recepcionar os visitantes, enquanto outros membros da comunidade, também adornados, posicionam-se para assistir e também recepcioná-los. Os visitantes enfeitados, por sua vez, unem as canoas de madeiras ou de alumínio onde são amarradas pela proa e cantam uma música diferente dos *waanoyane*, soltando foguetes e se aproximando do barranco.

Desse modo, há um grande encontro musical às margens do rio entre os que estão à espera e entre os que estão chegando. Mas, no caso particular em que estávamos passando pelas *comunidades* almejando chegar a outra, paramos mais para comer *cuure* (beiju) e *wooto* (carne), bebem *wóoku* (suco de bacaba e buriti), além de arroz, frango, refrigerantes e sucos artificiais. Como éramos poucos comparados ao que costumam receber eventualmente, houve as demonstrações do que realmente é quando a situação é outra, fomos recepcionados em cada *comunidade* com esse ritual, pois para os WaiWai, história e tradição é aquilo que se vive. Quando a chegada dos visitantes é por terra, dá-se o mesmo processo de recepção, com exceção dos cânticos que são entoados na casa destinada às cerimônias e os anfitriões ficam à espera dos convidados.

Como já abordei anteriormente, as *comundiades* WaiWai são formadas por uma grande mistura de grupos, os *Parikwoto*, *Tarumayana*, *Xerewyana*, *Katwenayana*, *Hixkariyana*, *Mawayana*, *Karapauyana*, dentre outros. Estes mesmos grupos reunidos é que hoje são conhecidos como os WaiWai. Isso significa que falar dos WaiWai é, em certo sentido, falar de uma *comunidade* formada pela junção de diversos grupos, os quais foram aprendendo o modo de ser WaiWai.

Em sua expedição onde os WaiWai se localizavam (1913-1914), Farabee afirma que havia apenas cinco “WaiWai puros” ou seja, aqueles primeiros WaiWai, que tinham consigo traços fortes e singulares de identificação. Fock que também passou entre os WaiWai em *Yakayaka*, cerca de quarenta anos depois de Farabee, disse que só havia dois “WaiWai verdadeiro”. Ao meu entender, são aqueles que se identificaram como sendo WaiWai daquela região, ou seja, quem integra esse grupo e convive em aglomerados.

No entanto, se só havia dois “WaiWai verdadeiro”, é muito pouco provável que hoje em dia pudessem haver descendentes “puros”. Como pesquisador, e sendo pertencente do povo WaiWai, fui a procura dessas informações a fim de desvendar essa ideia de “puro”, “verdadeiro”. Minha avó *Armory* afirma que nunca existiram e, mais ainda, que ela é WaiWai e sua mãe Toty também foi uma WaiWai. Mais tarde ela se envolveu com o Ewká, que era *Parikwoto*. Então, provavelmente seria dessa família que os autores acima se referiram. Eu sei agora que nunca existiu nenhum WaiWai “puro”, nem mesmo muito antes da chegada dos missionários.

Como era muito praticado os encontros e relacionamentos, trocas de bens e casamentos que sempre existiram, eles sempre estiveram misturados. A ideia de puro, verdadeiro, passou a existir com a chegada dos missionários. Isso significa que alguns dos elementos que afirmavam a identidade WaiWai era uma tática para a transformação dos outros, e assim mantiveram os WaiWai como atores ativos dos grandes aglomerados.

Pawana Pîn, o falso visitante.

A relação com os *pawana*, segundo o velho *Yakuta*, nasceu bem antes de todos os processos já descritos por eles os novos tempos, já acontecia antes mesmo da chegada dos missionários entre eles. É uma etiqueta que foi sendo repassada durante muito tempo pelos antepassados, tanto para as suas gerações como também foram ensinando para as outras pessoas, ou seja, de outros povos que mantinham contatos. Dessa forma, iam construindo mais amplamente essa ideia de *pawana*: “somos todos *pawana*, todos *WaiWai*” (...i.p...YAKUTA. 2017).

Essa explicação pode ser entendida dessa forma, como atualmente ainda é usado esse termo para explicar a chegada das pessoas de outros lugares. As rotas de visitas eram fundamentais para essa construção. Quando trato dessa questão fica mais claro ainda que essa ideia de que um dia os *WaiWai* existiram puros, vivendo isolado na floresta, nunca existiu mesmo. É assim que eu hoje interpreto e explico essa questão. Creio que faziam contato até em lugares bem distantes, nesse caso, não tenho dúvida de que realmente andavam por muito longe. Essa forma de visitação foi fundamental também para construir a referência do *pawana/visitantes*.

O ritual atual da farsa *pawana*, como bem descreveu Howard (1993), sempre existiu antes mesmo da waiwaização, é assim que eu entendo, e continua acontecendo mesmo depois da evangelização. É chamado hoje de *Pawana Pîn/farsa do visitante* por se tratar de um morador do próprio grupo, ou seja, não se trata de alguém que efetivamente está chegando de outra comunidade *WaiWai* ou mesmo de outro povo e lugar. Mas trata de um morador do próprio grupo e local que interpreta um suposto visitante, enquanto o outro *Waiwai*, também da própria comunidade, interpreta o anfitrião e se divertem com isso.

O *Pawana Pîn/falso visitante* para os *WaiWai* é um ritual lúdico e dinâmico, no sentido de que assim eles possam contar parte da sua história, como aconteceu muito no passado, para os mais novos, e também como incentivo para que todos possam exercitar seus sentidos para tentar descobrir quem está se trajando de *pawana pîn*. Este que se mostra sempre com uma forte demonstração de superioridade *WaiWai* em relação a outros grupos, no caso aos demais presentes, e estabelece essa tática no jogo de identidade. Pela simulação do diálogo e expressão corporal, ele define quem são os *WaiWai* e quem são os “outros”. Dito de outra maneira, o *Pawana Pîn* mostra a tática *WaiWai* em estabelecer o contraste entre a sua identidade e a do outro, buscando outros grupos para assimilar e waiwaizar.

Essas atitudes, como veremos, se exprimem nas farsas Pawana dos “Visitantes”, que os Waiwai encenam durante seus rituais mais importantes. A caricatura joga com contrastes de identidade entre os Waiwai e grupos radicalmente “outros”, que por meio de vários tipos de troca se capacitam a traduzir suas diferenças, fazer a mediação entre as fronteiras que os separam e reformular suas identidades, embora a improvisação se faça em meio ao riso e à algazarra. Sendo definida como “brincadeira” e “farsa”, ela toca em cordas sensíveis da cultura “séria”. (HOWARD, 1993, p. 237- 241).

Os WaiWai interpretam o ritual *pawana*, como um visitante, como sempre eles presaram suas diferenças, não davam oportunidade para que pessoas de outros grupos e lugares pudessem submetê-los quando eles chegavam como *Pawana*. Gostavam que os demais pudessem apenas elogiar, pois caprichavam para poder se apresentar aos outros, já os demais quando aparecem para os WaiWai como *Pawana*, sempre são vistos numa posição inferior aos WaiWai, por isso eles são retratados por eles nessa situação, como o povo que ainda precisa aprender com eles, pois é assim que eles compreendem, que os *Pawana* vieram aprender, são primitivos, atrasados, ignorantes, fracos e doentes.

Em contrapartida, os WaiWai são povo *Yukwari yana* “povo da tapioca”, sendo esse o alimento principal das festas. Quando os visitantes chegavam, para os WaiWai eles precisavam ser domesticados e apreender o modo de vida ideal, precisam ser socializados de acordo com a cultura, tradições e costumes WaiWai. Apesar de serem amistosos com seus visitantes, não eram tímidos, durante a aproximação que faziam, ofereciam e recebiam suas mercadorias de trocas, nisso os WaiWai se utilizavam principalmente de seus bons argumentos para convencer os demais grupos a aderir seus costumes.

O ritual segue a ordem que estabelece o jogo cotidiano de quem é quem no encontro cultural, demonstrando as diferenças entre os WaiWai *kûyam* (nós) e os *anarî* (outros). “Os WaiWai celebram seu sentimento de ‘superioridade’, em relação aos outros grupos vizinhos e também aos ocidentais, ridicularizando-os, colocando-os no nível do que consideram seres inferiores ou dissocializados, tratando-os como pessoas idiotas e sem senso de ridículo” (QUEIROZ, 1999, p. 263). Não é à toa que Coudreau (2002, apud, HOWARD, 2002, p. 33) descreveu os WaiWai como “aristocráticos”, uma das “raças conquistadoras” pacíficas que exerceram influência sobre vários povos indígenas.

CAPÍTULO DOIS

Povo da água, história Karapauyana.

Nas primeiras conversas com Pararaka, nós dois estivemos um pouco reservados e tímidos ainda. Para todos os outros demais *Karapauyana* ele era a pessoa mais indicada para falar das histórias e conhecimentos do grupo. Para mim, que faço parte do povo WaiWai, aqueles que trouxe Pararaka e seu grupo para perto de nós, era tenso falar com ele. Saber que ele tinha tanta sabedoria que eu queria saber, mas precisava descobrir uma forma para ele me transmitir tudo sem receio. Isso me deixou um pouco contraído no início da nossa conversa. Entretanto, a cada visita na qual conversávamos, fui aos poucos aprofundando os assuntos que me interessavam e ele foi discreto. Demorou alguns dias para me contar a história do seu grupo por inteiro. Fui paciente e compreensível com ele, é claro, teria que confiar em mim primeiro para que a nossa conversa pudesse fluir com naturalidade.

A ideia era extrair dele alguns informes que ele conhecia sobre o surgimento do seu grupo, o lugar de onde vieram como se organizavam e também perguntar quem eram os *karapauyana* no entendimento dele. Por estas serem aparentemente perguntas simples, porém, complexas de se fazer e responder, ele ficou irônico e pensava que eu estava de brincadeira com as histórias deles. Acontece que nunca ninguém antes chegou para falar desses assuntos com ele, e também até entre eles mesmos pouco se importam com essa parte da história que um dia vivenciaram. Hoje não interessava contar essas histórias para ninguém sobre a sua origem, pois não fazia mais sentido recontar depois que passaram pelo processo da “evangelização” (ou “Waiwaização”) e viver uma nova história.

Mas o que mais me deixava curioso, quando estávamos conversando em sua casa, é que eu tinha certeza de que ele tinha muita coisa para me dizer. E assim aconteceu. Cada vez que trocamos ideias, eu era surpreendido com uma nova história, algo que ocorria de forma espontânea e no meu entendimento era porque também ele sentia que era a hora de eu saber. Foi percebendo que eu não estava de brincadeira e que queria mesmo saber da sua história. Ao final ele revelou que, para ele também foi importante contar as coisas que ele sabia, para que ficassem registradas, afinal faz parte da vida deles, são as histórias deles e não iam interferir no modo de convivência atual que aceitaram. Sem alguém para buscar

saber, a história deles se perderiam no esquecimento de todos, então foi me desvendando lentamente os fatos. E a cada visita algo novo ele contava.

Um fato curioso que me chamou muito atenção que eles faziam era dar o nome às pessoas com referencia aos peixes. Os mais velhos quando se cumprimentam ainda hoje usam nomes que na língua deles são tipos de peixes. A primeira resposta de Pararaka para esses nomes curiosos foi que, como eles sempre habitavam perto dos igarapés e muito tempo atrás também às margens dos rios, então os peixes desses locais é que inspiravam seus nomes. Disse que os pais acabavam colocando nos seus filhos, mas, como destaque nessas primeiras conversas, ele ainda estava muito reservado com suas histórias do passado.

Depois ele foi me revelando que os seus nomes eram um modo de identificar que eles eram um grupo específico, diferente, pertencentes a um determinado lugar. Assim se reconheciam e se diferenciavam de outros grupos. Caso encontrassem na mata, já sabiam que eles eram o “povo da água”, então era para isso que tinham aqueles nomes. Os nomes de peixes lhes caíam bem. E também com o desenrolar das explicações, após algumas visitas minhas a sua casa, chegamos a alguns relatos míticos que explicariam um pouco mais a origem do grupo, da história *Karapauyana*. Em acordo com o que disse sobre o surgimento deles, que seus ancestrais contavam de geração a geração, era assim.

Pararaka disse que já era um pouco crescido quando ouviu falar que era muito antiga essa história, e ressaltou “*é até onde eu sei, mais além que isso, não vou saber te explicar mais*”. Ele disse que vieram dos peixes, que eram resultado de uma longa transformação do que antes eram seres que viviam dentro da água. Os seus ancestrais lhes contaram essa história e é assim que acreditavam:

Um velho xamã chamado Porî nherî muito antigo do grupo, certo dia teve um sonho, onde o espírito conhecido por ele como pai da água se mostrou e revelou para ele, sobre como eles passaram a existir, que todos eles no princípio eram habitantes de dentro da água. Disse que no início não existiam nenhuma pessoa fora, em terra, que todos eles eram peixes e dominavam por muito tempo as águas dos rios conhecidos hoje pelos nomes de jatapuzinho que antes era Kamuywawo e o rio Girão antes era Otî yono. Porém, num certo tempo ficaram sabendo que ali nesses mesmos locais iriam surgir novos peixes diferentes nas águas e que eles que já eram antigos, teriam que travar uma grande luta, em disputa pelo espaço que não teria mais para todos, e possivelmente nessas lutas e insistência em permanecer, eles iriam se acabar. Nisso, esse mesmo pai da água que protegia o povo sugeriu que eles saíssem dali e comesçassem a habitar outros lugares, as águas permaneceriam para que eles pudessem

continuar existindo quando fossem para fora. Então foi assim que começaram a povoar as margens dos rios e quando novamente foram ameaçados nesses locais, os espíritos dos seus ancestrais também fizeram existir os igarapés, pois, de acordo com a história, todos os xamãs do povo que morresse, os seus espíritos voltariam para essas águas e os protegeria, por isso pensavam que os seus ancestrais que já existiram antes, fizeram das águas a sua herança para todas as gerações que existissem. Desde então às suas margens passaram a morar, e esses seriam os lugares preferidos por eles para habitar. É por isso também que todos os xamãs tinham contato frequentemente com os peixes. Então, o antigo xamã despertou do sonho e contou para todos o que havia acontecido com ele, todos acreditaram na história como real acontecimento, e foram repassando essa história a diante, até chegar à sua geração” (PARARAKA 2016).

Para eles, naquele tempo anterior, essa história fazia muito sentido, pois explicava tudo o que eles precisavam saber para viver. Das suas marcas de nascença como sinais atrás da orelha e algumas partes do corpo terem semelhanças a de alguns peixes, dos nomes que recebiam e dos locais que gostavam de habitar, tudo estava associado à vida anterior deles, à origem ancestral. E foi assim até a chegada dos índigo “missionários WaiWai”, com suas “pregações da palavra” de um outro Deus “verdadeiro”. Com essa “nova verdade” tudo o que eles acreditavam perdeu o sentido, ganharam um novo significado, e como Pararaka não era um líder que travava muitas guerras, tinha um pensamento de conciliador, evitando confrontos diretos, cedeu a essa “nova crença” e quis que todos seus seguidores também fizessem o mesmo.

Daí veio a dificuldade para ele em contar essa história, pois tinha medo de retaliação dos WaiWai. Isso poderia interferir na boa relação deles e com Deus também. Por que quando ouviu sobre a palavra de Deus e passou a acreditar com boa parte do seu grupo, eles ficaram com medo de um dia todos queimarem no fogo. Não podiam continuar acreditando naquelas histórias que tinham antes, não eram mais a verdade e todas as coisas que eles seguiam antes eram os ensinamentos do espírito do mal, diziam os missionários. Então houve uma grande mudança na história do grupo, Pararaka deu ordem para que não mais continuassem com suas práticas espirituais e crenças. Todos os que estivessem com ele deveriam seguir o cristianismo. Disse ainda que aquelas histórias antigas era o que eles tinham de ensinamentos e que dava para eles entender o surgimento deles e seus modos de ser, tudo era muito diferente do que “pregaram” os missionários depois.

Os novos ensinamentos dos WaiWai e a “aceitação” dos Karapauyana fez uma mudança crucial no modo de vida deles, desde então Pararaka prometeu que não iria mais compartilhar aqueles pensamentos antigos com os demais descendentes e nem com outros.

Por isso ficamos muito tempo sem saber as histórias de suas origens, ninguém nunca se importava em saber, pois, estavam já em outros tempos com outras formas de pensar. Nem mesmo meu avô Ewká que liderou o grupo de “WaiWai missionários” que participaram das expedição de localização e busca deles, soube disso. Nem meu pai que o conheceu tempos depois também soube e nem os WaiWai com quem convivem hoje e partilham o mesmo lugar sabem dessas histórias. Porque nunca ninguém quis saber e, ao contrário disso, diziam que ele tinha que esquecer tudo aquilo.

Não era mais objetivo dele contar suas histórias e ninguém também nunca quis saber, nunca ninguém havia perguntado sobre seu passado e de seu grupo antes de virarem *Karapauyana*. Mas, através de meus interesses e minhas sinceras perguntas, pudemos nos aproximar de tudo isso e Pararaka depositou confiança em mim. Aos poucos foi me revelando seu passado, contando suas histórias antigas, falando da origem do seu grupo. Isso me fez sentir muito honrado, pois, eu sabia que só ele teria essa permissão, todos os outros *Karapauyana* tinham ele como o último líder e só ele poderia fazer essas revelações, ninguém mais. Pararaka já estava bem velho e prevendo que seus dias nesse mundo estavam chegando ao fim encontrou em mim uma chance de falar o que nunca ninguém lhe perguntou. Penso que tudo isso deixou ele mais sensibilizado e ter encontrado um jovem WaiWai interessado em registrar a sua própria história e de seu grupo, tudo isso, pesou para que o velho “Igarapé Limpo” fizesse seu primeiro e último relato de vida.

Para Pararaka, nome que em sua língua significa “igarapé com água limpa” (assim que ele traduziu para o WaiWai), os fatos confirmam que eles já habitavam aqueles locais às margens dos rios Jatapú até o rio Girão. Eles pertenciam a um grupo que vivia nessa região quando um dia notaram pessoas estranhas se aproximando, no caso seriam os não índios, que nas proximidades foram construindo loteamentos, fazendas, povoamentos, vilas. Então, resolveram migrar para os igarapés um pouco mais afastado e também conhecidos pela ocupação de seus ancestrais que cavaram os lugares de onde surgiram nos igarapés. Assim, eles fugiram para esses lugares, nos afluentes do rio Girão/otí yono, onde construíam suas casas e moravam antes de Ewka chegar. No tempo que viviam em *Karapau nheri* eles não costumavam pescar no rios Jatapú e Jatapuzinho, por que tinham a certeza de que tinham pessoas vivendo lá, como peixes, e que ainda poderiam se transformar em humanos para viver fora da água, na terra. Então aguardavam eles surgirem e não consumiam os peixes desses locais.

Cada um desses rios tinha um nome, o rio Jatapuzinho era chamado de *kamauyawo* o Girão era *Otí yono*. Esses nomes foram dados pelos seus ancestrais. Todos esses lugares

eram ocupados por eles, assim como os igarapés menores, pois foram dados de herança, nisso, eles consideravam os peixes de lá como parte do seu grupo. Eles se reconheciam como descendentes dos primeiros moradores da água e que levaram essas águas até os igarapés. Essa era a crença deles. Surgiram dos peixes e se tornaram humanos quando saíram da água. De uma coisa Pararaka tinha certeza, e dizia, “*o peixe é mais antigo do que o homem*”. As marcas dessa ideologia, ainda está presente hoje nos adultos do grupo, que mativeram seus nomes (curimatã, traira, bodó...). Todos esses levam ainda nomes de peixes em referência aos seus ancestrais que na origem moravam no fundo da água. Eles fazem parte como descendentes das primeiras pessoas que vieram se juntar em forma de humanos e compõem a história recente do encontro entre eles e os WaiWai. Vamos ver como estavam antes de virarem os Karapau yana.

Os moradores da casa centro e seus vizinhos

Já sabemos que meu principal colaborador foi o velho, e agora finado, Pararaka/"Igrapé limpo". Líder daquele grupo que os WaiWai, por influência dos missionários americanos, passaram a chamar de *enîhnî-komo*/"povo não-visto", depois que iniciaram o processo da "evangelização", ou da "Waiwaização" chamaram de *Karapayana* como mostraram os antropólogos (HOWARD, 1993, 2000; DIAS JR. 2000, 2006). Isso foi no início dos anos de 1980.

Já vimos também que Pararaka era o líder do grupo. Assim ele se apresentava e também era reconhecido pelos seus filhos e genros e por todos os que conhecem a história do seu grupo. Suas histórias, como já falei, hoje não são mais contadas nem por eles mesmos e nem por ninguém. A dificuldade para Pararaka e todos eles em relatar suas histórias, como ele mesmo me alertou, é porque eles mesmos passaram a acreditar que era preciso esquecer tudo aquilo, trocar as histórias do passado pela história do presente, onde eles passaram a ser os *Karapauyana* e conviver com os WaiWai nas grandes *comunidades*. Disse também que já tinha feito um acordo com as lideranças WaiWai que deixariam aquelas histórias para trás e não falariam mais nisso com ninguém. Nem com crianças, jovens, adultos, homens ou mulheres WaiWai, nem com missionários, com antropólogos, com brancos. Com ninguém.

Outro motivo, disse ele, era que ficar falando dessas histórias antigas não iria trazer nada de bom, nada que fosse melhorar as suas condições de vida. Assim pensam os *karapauyana* a respeito de suas histórias. Mas, ao mesmo tempo, o finado Pararaka, como chefe maior deles, pensava muito no destino e no bem do seu coletivo e achou que era importante registrar a história do grupo que era a sua própria história. Então, decidiu falar comigo apenas sobre as coisas que ele mesmo poderia contar. Assim ele me disse quando uma vez perguntei das suas histórias, o que pensava sobre elas, o que o fez decidir falar delas: "*é importante sim, falar dessas histórias antigas, pois, elas se tornariam importante para quem se interessasse para saber*". E esse foi o motivo das várias alegrias que tivemos ao conversarmos por muitas vezes, ele que teve coragem de pensar diferente das lideranças WaiWai.

Um dos relatos que achei curioso foi saber sobre suas formas de moradia. Como eles se organizavam quando ainda moravam nas margens dos igarapés onde tinham a casa que chamavam de *etamri/casa centro*. Aquela teria sido a última grande casa coletiva deles, pois, eram um povo que mudavam sempre de lugar, assim era chamado por eles de *Karapa*

tho, o ultimo local deles, antes de virem morar com os WaiWai. Foi assim que ele me relatou, *etamri*/"centro", era o lugar onde ele morava e estava conectado com três outras casas distantes menores. A casa era coberta com palhas de patoa e bacaba e tinha formato de um círculo, com uma madeira mais alta no meio e as outras se apoiando nela até chegar nas madeiras que eram os suportes no chão. As outras três casas que estavam distribuídas em lugares diferentes também eram feitas no mesmo modelo, eram menores e estavam a uma distancia de cerca de um dia de caminhada de *etamiri/centro*.

Desse mesmo modo, como eles estavam organizados outros líderes passados também estavam, Pararaka foi o sucessor de seu pai na liderança do grupo. Assim como ele também havia sido sucessor de seu pai para orientar e cuidar dos demais. Avalio hoje que as escolhas deles funcionavam como um tipo de patriarcado, onde uma família liderava e o pai deixava esse legado de liderança para se primogênito, assim por diante. Pararaka fazia parte de uma linhagem de líderes. Portanto, morava e era o líder na casa maior *etamiri*. Os que estavam com ele eram seus filhos, noras, genros, netos e cunhados, além de ele ser o chefe da casa, era o responsável também pelo bem estar das outras três casas menores e das pessoas que moravam nelas. Essas, por sua vez eram os tios dele, primos, cunhados, no geral, eram parentes com grau de distancias diferentes. Ocorriam por vezes também variações no número de pessoas da casa, dependia muito dos casamentos que acontecia entre eles, algumas vezes iam morar com eles, outras vezes saíam e iam morar em outras casas. Mas todas as pessoas tinham responsabilidades de se manterem conectadas umas com as outras, e principalmente com a casa maior.

Logo abaixo, temos um desenho que fiz quando conversava com Pararaka, um modelo ilustrativo do que o mesmo detalhou e descreveu para mim, de como era a organização de dentro da *etamri* a morada do líder. Com os nomes das pessoas e números para indicar onde se acomodavam cada um, as linhas feitas no modelo indicam o espaço que cada um tinha dentro da casa que não tinha repartições internas. Esse modele era mesmo muito parecido com os modos que os WaiWai também se organizavam antes da chegada dos missionários. O trabalho do antropólogo Niels Fock (1963), que foi realizado naquele momento em que os missionários chegaram em Yakayaka é muito parecido. Fiz essa representação seguindo mesmo o modelo de Fock como referência, por ser simples e claro.

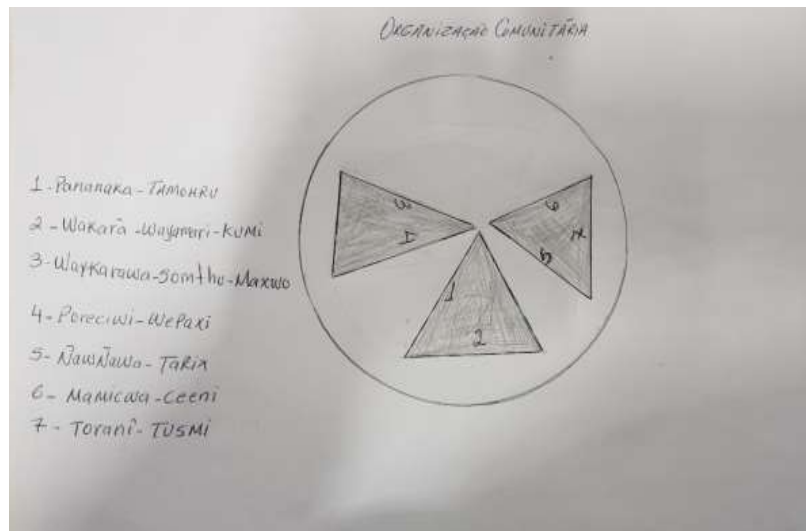


Figura: 06. Distribuição das casas Karapauyana. Elaborado por Alexandre Aniceto de Souza 2017.

As pessoas das casas menores mantiam contato frequente com as pessoas da casa maior e uma com outra. Outros destaques de *etamiri*, além de abrigar o líder, era o local onde aconteciam os encontros maiores, como por exemplo, para comemorar o sucesso de alguma caçada. *Etamiri* era onde tinham muitas outras celebrações coletivas e que faziam apenas nesse local. Havia um tempo para isso, quando todos estavam reunidos, eram quando faziam os encontros maiores, como por exemplo, o ritual do *Tabaco/kamahxu*, onde fumavam muito e nessas ocasiões praticavam a cura de muitas moléstias. *Algumas doenças, como uma mordida de cobra.*

Um encontro que acontecia quando a lua estava cheia no céu e quando era melhor para andar no mato, e não era tão demorada. Ficavam reunidos por um período curto e logo retornavam as suas localidades. Pensavam que corriam sérios riscos de cair numa emboscada fatal caso demorassem em outras casas, esses fatos faziam eles retornarem rápido para suas localidades, era um modo de manterem a segurança e a existência de suas diferenças. Tinham alguns inimigos como o Parikwoto/"macaco sem vergonha" do qual se eles descuidassem seriam capaz de atacá-los, esse era o principal motivo do posicionamento das casas longe umas das outras.

Em *etamri/centro* onde a casa era maior tinha mais pessoas, cerca de cinco famílias moravam na casa. Pararaka com suas duas esposas e seus filhos, e o filho de Pararka com sua esposa, podiam haver também nessa casa maior casamentos entre as pessoas de outras casa.

A Posição das casas em rotas de fuga

Os moradores das casas coletivas articulavam um modo de comunicação entre elas, de modo que pudessem transmitir as notícias e acontecimentos entre todos. Era fazer de alguém um mensageiro que percorria as rotas de ligações para levar as mensagens, para que outros moradores ficassem sabendo do que estavam acontecendo nas outras casas. E desse modo, também fortaleciam seus laços e ganhavam tempo para se protegerem de seus inimigos, para que não sofressem ataques inesperados ou fossem encontrados com facilidade. Graças ao mensageiro de cada casa conseguiam fugir ou se preparavam para não serem pegos de surpresa.

Sabemos que os *karapauyana* fazem parte da família do tronco linguístico Karib, que também é dos WaiWai. A língua falada por eles é bem parecida com a dos WaiWai, por isso é que me disseram que eles são os WaiWai verdadeiros e que os atuais WaiWai não queriam que os *karapauyana* fossem tidos como os verdadeiros WaiWai. É assim que eles pensam e me disseram. Os *karapauyana* tinham outro nome próprio do grupo, se chamavam de *Aporî yecihtauno/povo da agua ou igarapé*. Esse era o nome deles antes da *karapauyanização*.

Eles não eram bons produtores, então havia poucas espécies de plantas ao redor de suas casas, por isso consumiam apenas aquelas coisas que conheciam e estavam disponíveis na floresta. Uma delas era o que chamam de *maaria*, uma batata grande que todos os WaiWai também comiam antes dos missionários chegar e trazer novos produtos que passaram a cultivar em roçados. A batata *maariá* é muito perigosa, parecida com a mandioca brava que hoje usam para fazer farinha, o processo de produção para tornar ela comestível era muito parecido com o da mandioca brava. Depois de descascada e lavada passava dias dentro da água, depois ralavam e espremiam o suco. Da massa faziam um tipo de beijo e também moqueavam, do suco faziam goma também. Era assim que os *Karapauyana* faziam, e os WaiWai também. Viviam basicamente da caça e pesca, e sempre que trabalhavam para cultivar alguma coisa era bem próximo da casa. Quando era necessário dividiam o trabalho entre os grupos das quatro casas também, as mulheres faziam praticamente o mesmo trabalho que os homens e não se separavam quase nunca, pois, temiam que outros povos raptarem as mulheres.

A seguir temos um desenho que esboça a forma como estavam articulados, com algumas referências importantes do que já conheciam antes dos “missionários WaiWai” chegarem. Disse Pararaka que esse era o modo que eles sempre repetiam todas as vezes que

interligadas umas com as outras e principalmente ao centro maior, todos os acontecimentos passavam por ali, e os mensageiros levavam as informações quando era preciso.

No imaginário *Karapauyana* estas formas de suas moradas eram para fortalecer ainda mais sua existência, mesmo sabendo da existência do perigo que outros grupos apresentavam para eles, como os Xerekma/yanpotme que hoje são chamados de Waimiri-Atroari e os Parîkwoto. Desse modo, como estavam localizados, mostravam para eles que estavam ali sempre junto e que estavam em muitas pessoas para assegurar suas áreas, onde realizavam suas atividades, suas caçadas, pescarias e coletas. Essa era uma forma de organização própria dos *Karapauyana*, como descreveu Pararaka com as casas interligadas e distantes umas das outras.

Quando na casa maior, em *karapau nherî*, chegaram os WaiWai eles sabiam quem eram, mas não os conheciam com aquele nome. Nunca tinham ouvido falar desses WaiWai, mais sabiam que ali, pelas áreas existiam muito grupos desconhecidos e outros conhecidos também dos tempos de guerra. Quando muitas vezes foram pego de surpresa, as pessoas da casa maior tiveram receio e pensaram que fossem os *parîkwoto*, pois eram os mais perigosos e agressivos. Rapidamente se conectaram com as casas menores, alertando que ali tinham chegado pessoas estranhas. Wayamari, que vive hoje com os WaiWai, era uns dos mensageiros naquela época. Pararaka pediu a ele que avisasse para os outros que iria aceitar o convite daqueles WaiWai para visitar a aldeia deles, se caso ele morresse não era para fazer guerra. A ordem do líder era só para se defender. Era para fugir dos seus inimigos, essa era a orientação do líder “igarapé-limpo”.

Depois que passou a acreditar nos WaiWai, Pararaka foi conhecer onde moravam e as pessoas da casa maior decidiram abandonar seu lugar para ir com ele. O pedido dos WaiWai era que levassem todos os moradores, mais alguns não confiavam muito naquelas pessoas que chegaram dizendo que eram WaiWai e queriam leva-los para outro lugar. Então resolveram permanecer por ali. Pararaka lembra do que falou para aquelas pessoas que iriam ficar: “*se nós não voltarmos aqui é um sinal de que fomos enganados e exterminados e que nunca iremos voltar, e vocês podem fugir dessas pessoas*”. Diante dessas palavras, hoje eles pensam que aquelas pessoas, parte de seu grupo que eles deixaram, “*estão pensando que estamos mortos*”, por que ele tinha dito isso para eles, que ficassem na floresta.

Os *Karapauyana*, como são conhecido hoje, é um grupo que enfrentou muitas guerras e um dia quase foi extinto pelos *Parîkwoto*. De acordo com a história que pôde me contar o falecido líder, os confrontos deles com outros prevaleceu por muitos tempos. Eles tinham outros inimigos também com quem travavam muitas lutas, tanto que houve muita

movimentação por todas as casas coletivas com a chegada dos índios missionários WaiWai. Quando vieram trazer notícias, eles chegaram a pensar que fossem mesmo um de seus velhos inimigos, mas ao se apresentarem como um povo manso, o povo WaiWai, eles se aproximaram. Era assim antes, quando sentiam que estavam sendo ameaçados pelos outros povos com quem não simpatizavam, como destacou acima os dois grupos principais, Parîkwoto e os Xerekma/yanpotkmi, eles tratavam de se refugiar na floresta pelas casas articuladas ao centro.

Como eles rapidamente se comunicavam, não importava de qual casa que soubesse primeiro, tinham a estratégia de mandar um enviado para comunicar a ocorrência a outras casas coletivas e assim por diante, para que pudessem logo deixar o local de onde estavam. Então estavam sempre atentos para evitar esses possíveis ataques, tanto de dia como à noite que era o horário que os inimigos escolhiam para surpreendê-los, eles estavam sempre preparados para a fuga.

Conflitos e estratégias de sobrevivência

Karapauyana é um grupo de poucas pessoas na atualidade. Isso é o que da pra pensar se olhamos para aqueles que hoje vivem na Terra Indígena do Anauá. Mas, ao contrário disso, as histórias contadas por parte deles indica que há pouco tempo existiam outros mais. Que eram eles que tomavam conta desses territórios antes, tinham mais de vinte casas distribuídas em diferentes lugares, todas interligadas. Como eles tinham o costume de nomear suas casas, Pararaka citou algumas delas: “*kamuywano, kuta, tupurmem, pakra nheri, krecece, kaya-kaya, maka-maka nheri, aparpê nheri, tipoti, warwa nheri, ewtoyme, pipiri ywo, matano, mapnheri, yasi, maraka, turu nheri, Marawa nheri, karapa nheri, Imirikwa Pirici nheri, Turukwaru, Tinatkem, potmene kana nheri, Paruru nheri, minrawo, morokru nheri*”. Haviam outras, mas depois de muitas guerras foram aos poucos se acabando.

Esses casos, assim prevaleceram por muito tempo, não se sabe exatamente quanto tempo, mas como estavam em um número de pessoas muito baixo, as mortes em guerras explica porque tanta diminuição. Com medo de serem todos exterminados por outros grupos violentos, passaram a pensar numa forma que pudessem salvar as suas gerações futuras, mudando toda vez de local, e evitando novas brigas. Isso tempos depois quando Pararaka passou a exercer a função de líder, tentou diminuir as guerras, e buscar outras estratégias para a sobrevivência.

Então o líder pensou assim, para passarem a construir uma nova forma de pensar do povo, de como poderiam se proteger dos outros, essa ideia foi fundamental e onde começaria uma nova forma de enxergar o seu território, as construções das suas casas foram surgindo, primeiro a casa maior, e posteriormente a essa, as menores guiadas pela posição da casa maior. Os moradores de outras casas passaram a exercer uma função, de reforço para as outras, e também com total responsabilidade de vigiar seu território, protegendo uns aos outros. Mas também eles tinham um papel fundamental, eram eles que eram os organizadores dos encontros que aconteciam na casa do Centro. Nunca havia encontros nas casas menores, pois, estas estavam ali naquele local apenas para servir como rota de fuga.

Nesse caso os moradores de outras casas tinham um líder, e ele que era o responsável, mas apenas da casa onde morava e seus territórios nas redondezas. Já dentro dela estavam distribuídas unidades menores, genro, sogro, filhos e netos, pessoas que também ajudavam na vigia. Todos eram responsáveis naquela região, eram eles quem

tomava conta dos espaços e aonde cada um tinha uma responsabilidade muito grande de não deixar muitos rastros para nenhum outro povo se aproximar. Uma dessas pessoas daquela época, quando estavam vivendo em *Karapa nheri*, era *Matuhta* e sua família. Ele morava na direção onde o sol nasce e então tomava conta de toda aquela área, por onde eles andavam essa era a parte de cima de *Etamri/centro*. Estas mesmas pessoas das casas menores iam, quando realizavam os encontros, visitar a casa maior onde estava Pararaka. Fazia essas formas de ocupação como estratégias das casas para proteger o grupo todo.

Os *Karapauyana* que estão morando na *comunidade* do *Xaari* hoje, mas sentem falta das pessoas das outras casas que decidiram não vir com os Waiwai. Acreditam que essas pessoas não estão diferentes e estão vivendo do mesmo modo como estavam quando ainda viviam lá com eles. E acreditam que as famílias das casas só aumentaram e estão em maior número na floresta, como o ex-mensageiro da casa Centro me relatou:

“Acreditamos ainda que um dia teremos a oportunidade de poder ir encontrá-los, e o desejo de encontrar as casas, como aquelas que eram usadas quando ainda moravam nas florestas. Acredito nessas coisas, que vou rever meus cunhados, e sei que é tudo o que eles querem, e também um dia voltar morar naquela casa com meus parentes ensinando e mostrando um novo modo de pensar, tudo que aprendi com os WaiWai” (i.p. WAYAMARY, 2017).

Os inimigos: Parîkwoto, Xerekma/Yanpotme/Waimiri-Atroari

Quando Pararaka ainda era criança, ouvia dizer de muitas brigas que seu grupo travava e também dos muitos inimigos que os cercavam. Ele ficava com medo quando seu pai contava as histórias dos seus rivais declarados, entre eles tinha um inimigo maior que eram os Parîkwoto. Mediam forças todas as vezes que cruzavam com eles, um povo muito violento e por isso temido pelo seu grupo. Essas histórias ficaram marcadas na memória de cada um deles, eles sabiam e lembravam para se proteger desses inimigos. Depois que Pararaka passou a exercer a função de chefe maior, buscou novas estratégias para se articular de forma mais organizada. Primeiro, e que já praticavam antes, foi no fortalecimento da posição das suas casas para manter elas conectadas e distantes umas das outras. Essa ideia de fuga, e não mais de combate, Pararaka estabeleceu pensando na melhor forma de sobrevivência para todos.

Na visão do chefe, essa forma de organização entre as casas era pra se protegerem de seus inimigos, como tinha medo de outros grupos atacarem se estivessem todos juntos, ou seja, numa casa só, os que sobreviviam eram os que conseguiam escapar fugindo pelo meio da mata, e muitas vezes na escuridão. Por isso, tomaram essa medida de proteção como forma de organizar seus núcleos de ocupação distantes uns dos outros, no formato de uma “ponta de flecha”. Além de terem como fugir para as casas afastadas, as demais poderiam também fazer um contra-ataque pegando de surpresa os inimigos, em último caso. Assim, pensava Pararaka.

As histórias mais recentes foram relatadas pelos outros do grupo, com os quais fez amizades e também ganhou a confiança de cada um deles, Wayamari e Wakara. Foram eles, depois de Pararaka, que mais contribuíram contando um pouco de suas histórias, de quando ainda moravam distante naquela época que “não era fácil para viver”. Disseram que apenas os grupos que tinham grandes guerreiros, que eram fortes, tomavam conta de seus grupos. As guerras aconteciam com frequência e seus rivais queriam mesmo matar o líder Pararaka, todos os homens adultos, levar as mulheres e crianças.

Os karapau yana tinham muitos inimigos violentos e não gostavam mesmo deles. Menos violentos, mas para se defender muitas vezes precisavam usar suas flechas também. Eles também conheciam muito bem os Parîkwoto e uma história desses encontros violentos ainda é lembrada pelos que vivem no Anauá. Os Parîkwoto não eram da mesma região que

eles, vieram de outro lugar distante, andavam em busca de guerras e conflitos. Contaram eles:

Tempos atrás existia um homem, muito forte, que era um Parikwoto, ele e o seu povo atacavam todas as áreas de todas as partes. Parikwoto é neto de pássaro, de onde Kuyuru fazia parte, ele e o grupo dele eram temidos pelos outros grupos de pessoas que habitavam por ali também. Mas entre nós também existia um guerreiro chamado de Amanarwa, que também era muito forte, os dois eram líderes nas suas aldeias. Um dia ele desafiou esse Parikwoto, invadindo o seu território e levando junto com ele as mulheres do grupo, então Kuyuru e seu irmão ficaram muito bravos com Amanarwa, pelo o que ele tinha feito. Então, Kuyuru resolveu atacar numa grande guerra sangrenta, que quase os extinguiu, e assim matando o líder maior do grupo rival, que falou para que fossem para bem longe dos Parikwoto. Mas Kuyuru passou a perseguir todos os outros que sobraram, porque obedeceram ao líder e com medo fugiram para bem longe desse povo, considerado o mais perigoso e violento. Mesmo assim eles os perseguiram, então os restantes, migraram para essas regiões onde estavam pela última vez quando foram encontrados pelos WaiWai (i.p., WAYAMARI, 2017).

Mas essas lutas ainda não haviam chegado ao fim com a fuga, como relataram.

“Chegando de uma derrota da guerra com os parikwotos, logo nos seguintes anos surgiram outros inimigos, que também um dia já teriam medido forças com os eles, esses não eram menos pior que os parikwoto, eram conhecidos por eles como Xerekma ou Yanpotme, identificamos eles pelas suas trajes que eram diferente e eles os conheciam porque já tinham cruzado com eles antes. Este mesmo povo segundo os mais velhos, um dia já fizeram guerra também e foram derrotados por eles, hoje conhecem eles como os Atroari, pois eram muitas as brigas que os antigos enfrentavam, principalmente em busca de mulheres de outros grupos, para disputar territórios. Então, éramos cercados de inimigos, para onde quer que a gente fosse.”(idem).

O território no qual estavam, no igarapé do karapau, que foi o último lugar de ocupação do grupo de Pararaka, também já foi muitas vezes atacado pelos *Yanpotme*, os *Atroari*. Mas esse era o nome pelo qual os conheciam antes, eles cercavam as casas maiores com todas as pessoas dentro, mas com proteção das outras casas percebiam que estavam cercados, pelas outras pessoas de outras casas, que estavam sempre por perto, e parece que com isso sentiam medo de atacar, e logo iam embora saindo daquela região. Pararaka dizia que *“tem mais de quatro povos diferentes, um deles é muito violento e são iguais os Parikwotos, são muito forte”*. Recentemente Wayamari também confirmou a existência desses quatro povos, mas nunca chegaram a guerrear contra eles e talvez esse povo

estivesse em guerra com esses que estão ainda lá. Com tantos acontecimentos violentos assim na história, Wayamari também traduz eles como um povo perseguido pelos seus inimigos. Assim que ele diz quando conta essas histórias.

Povos misturados: a histórias a partir dos Karapauyana no igarapé kikuó

O grupo WaiWai de 1950 é, portanto, no meu entendimento, de origem misturada, dominado pelo *Paríkwoto* “macaco sem vergonha”, assim traduzido pelos velhos. Embora WaiWai pareça ter mantido um padrão homogêneo, informado pelos moradores de *Yakayaka*, marcado pela língua grafada, culturalmente eles devem ser considerados como o povo resultado de muitas misturas há muito tempo antes de se identificarem com esse etnônimo. Assim, os WaiWai são um exemplo da conveniência entre diferentes grupos que há muito tempo dividem espaços, rituais, mercadorias, guerras, mulheres, etc., nas florestas tropicais entre o Brasil e a Guiana.

Os WaiWai e mesmo os *Paríkwoto* possivelmente possuíam suas próprias manifestações culturais e linguísticas. É verdade que Coudreau se refere ao *Paricote* como selvagem, mas Frikel (1957, p. 553), que abordou questões associadas a tribos selvagens e pacíficas, consideram como povos pacíficos. Essa questão é mesmo complexa e podemos encontrar pontos de vistas distintos sobre ela. Nádia Farage, que realizou uma pesquisa detalhada nas fontes dos viajantes e naturalistas, demonstra a tese dos caribes canibais (FARAGE, 1991). Neste contexto, os WaiWai viviam na Serra do Acarai e não possuía canoas, enquanto o *Parukoto* teriam vindo subindo rio Mapuera.

Os WaiWai como são denominados hoje, portanto, deve ser entendido como um grupo de misturas, pois eles mesmo afirmam que sua história é a aglomeração de um conjunto de grupos da floresta, dos rios e igarapés, onde viviam em casas coletivas relacionadas umas com as outras. É assim que são conhecidos quando falamos de WaiWai, seja por pessoas de fora ou de dentro, e assim que se resume esse significado. Hoje quando se fala da história WaiWai, muitas pessoas pensam que fomos descobertos pelos missionários no final dos anos de 1940. Sabemos, todos nós, que não fomos descobertos por ninguém e a versão difundida pelos missionários como “evangelização” pode ser traduzida na visão dos índios como a criação dos WaiWai. Assim como eles mesmo não concordam muito com essa ideia de que foram descobertos pela civilização, não que isso nos impede de pensarmos como um WaiWai, sobre nós mesmo. Mais é uma forma de dizer, “vocês nunca nos descobriram, nos sempre moramos aqui”. É assim que os *pooco/velhos* hoje em dia pensam quando tratamos sobre sua origem.

Quando falamos a respeito dos WaiWai não estamos falando apenas daquele povo que estava na casa coletiva *Uumana*, em *Yakayaka*, quando os irmãos Hawkins se instalaram

juntos a eles. Nesse caso, estamos falando também dessa ideia da construção de uma identificação como WaiWai, uma história própria, e construído pelo próprio povo. Para o antropólogo Dias Jr., “... quando trata dos relatos dos viajantes, trazem uma certeza: que os WaiWai, se existiam, estavam “misturados” entre outros grupos que viviam nas imediações da Serra do Acarai. É digno notar que a questão foi dissolvida em meados do século XX com a chegada dos missionários da UFM, quando a preocupação com a “pureza” de cada grupo deixa de ser relevante. Meu argumento é que este convívio permanente com não-índios pode ser compreendido como o momento em que a “identidade virtual” Waiwai passou a ser mais intensamente elaborada. Tanto por parte dos índios quanto dos não-índios que não duvidavam mais de que aqueles eram de fato os Waiwai” (2005:18).

Atualmente os WaiWai estão inseridos no mundo moderno onde cada pessoa começa a entender melhor que esse processo de transformação faz parte da nossa própria história, desde seu princípio. Talvez nem todos entendam que nesse processo a construção de uma identidade coletiva, que para a antropologia muitas vezes foi natural, fosse colocar tantos problemas no mundo deles. Os xamãs previam isso, diziam que os descendentes sempre iriam ser conhecido como um grupo de uma das casas. Em Yakayaka, quando os irmãos Hawkins se estalaram lá, a maioria dos moradores daquela casa não aprovou a presença permanente deles por ali. Muitos percebiam que de alguma forma a presença deles não ia dar certo nas suas vidas, percebiam em alguns ruídos alguém dizendo que “os brancos vieram para destruir nossa organização comunitária, são canibais, vieram destruir nosso modo de viver, nossas comidas e bebidas, alterar nossos pensamentos”. Assim pensavam muitos moradores daquela casa coletiva e de outras também. Por mais que acreditavam que existia outro mundo, no qual os WaiWai moderno estão inseridos hoje.

Ewka era um dos líderes que trabalhava em prol do seu grupo, indicado para ser um *yaskomo/xamã*, era ele quem liderava a casa quando os irmãos Hawkins chegaram. Ele respondia pelos moradores daquela casa, por ser um líder espiritual para aquelas pessoas e tinha o poder de transitar entre o mundo dos humanos, dos espíritos, dos animais, das plantas, pedras, águas e outros seres quando os missionários chegaram. Ewka sabia que não existiam os WaiWai como os americanos diziam e queriam encontrar. Esse termo foi surgir depois e os moradores de Yakayaka que nunca tinham se preocupado com essa questão de dizer quem eles eram, passaram a construir essa ideia de que eles eram os WaiWai. Para eles, eram simplesmente *tooto/gente, pessoas*. E pessoas misturadas com outras que viviam por ali.



Fonte: Niels Fock, 1963.

A chegada dos matadores WaiWai entre os Karapauyana

Voltando à história do encontro dos *Karapauyana*, liderados pelo finado *Pararaka*, com os *WaiWai*, liderados por *Ewka*, podemos constatar que ela é muito recente. Foi em 1982, como vimos, na região do igarapé *Yukutu* que os últimos “*enihni-komo*”/”povos não-vistos” foram atraídos pelos *WaiWai* para irem viver todos juntos. Naquele momento, uma parte das pessoas, inclusive o líder *Pararaka* acreditou nas palavras de *Ewka* e foram com ele para a *comunidade Mapuera*. Mas nem todos acreditaram, uma parte das pessoas que viviam no *Yukutu* desconfiaram que tudo podia ser uma armadilha de *Ewka* para roubar as mulheres e matar os homens. Esses que não aceitaram ao convite se refugiaram na mata e vivem por lá até hoje.

Eles sabiam que havia pessoas vivendo naqueles lugares e com a liderança de *Ewka* foram em busca deles para cumprir com os seus planos de novas transformações (a “evangelização” ou “waiwaização”). Todos aqueles moradores de outras casas e lugares foram convidados para viverem juntos e transformados, com muitas mercadorias novas, sem brigas e iguais. Todos aprenderiam a ser *WaiWai*. Um modo de ser e de representar uma identidade coletiva. Um grupo étnico cheio de pessoas misturadas. Os *WaiWai* eram essas pessoas misturadas que os missionários e alguns antropólogos chamavam de “índios puros”.

Assim é também o que pensam os jovens WaiWai de hoje, como eu também pensava antes dos meus estudos. Assim que era, os WaiWai “puros” eram aqueles velhos, nossos avôs, que moravam em *Yakayaka* quando os missionários chegaram. Depois que ficaram morando juntos com as pessoas das outras casas e lugares, quando passaram a viver com novas mercadorias e tecnologias, os WaiWai deixaram de ser puros. Por isso também todos falam que ainda tem WaiWai “puro”, os *enîhnî-komo/povos não-vistos*.

Como eu mesmo pude experimentar seguindo a rota antiga que vai do *Jatapuzinho* ao *Mapuera*, e até mesmo, em certos momentos tinha a sensação de que os parentes de Pararaka estavam nos vendo. Eles são os WaiWai “puros” para os WaiWai, e também para muitos brancos. Mas essa história contada pelo velho *Pararaka* diz outra coisa, diferente dessa. Como ele mesmo me contou pouco tempo antes de falecer lá na *comunidade* do *Xaari*, quando um dia me surpreendeu dizendo: “... eu não sou *Karapauyana*, eu sou WaiWai” (i.p., 2017).

Ainda por ser recente a aceitação da vinda deles para viver nas *comunidades* WaiWai, em parte ainda não se sentem tão à vontade como quando moravam em seu território *etamri/centro*. Por isso, o velho *Pararaka* e seus parentes até hoje nunca se misturaram muito com os WaiWai. Desde que eles chegaram para viver próximo sempre ficaram um pouco afastados e nunca concordaram muito em abandonar totalmente seus pensamentos e modos de ser. Nunca aceitaram plenamente as mudanças que os WaiWai quiseram impor a eles e agora eu mesmo posso entender porque se mativeram sempre assim, um pouco afastados e fechados entre eles. Na *comunidade Jatapuzinho* era assim, na *comunidade* da Cobra depois também ficavam reservados em seu canto e agora no *Xaari* também.

Pois, eles têm seus modos ser e de fazer seu mundo mesmo em contato com os WaiWai e, portanto, são conhecedores de suas coisas muito mais do que os WaiWai imaginam. Eles não conheciam nada do que os WaiWai faziam, mas eles tinham seus próprios modos e é isso que mais importa para eles. Não tinham o conhecimento de que as pessoas que os encontraram também faziam parte de grupos de missionários, que levavam para os outros uma nova forma de conhecimento e de transformação de vida. É assim que os *Karapauyana*, as pessoas que os WaiWai chamaram de *Enîhnî/não vistos* pensam acerca dos WaiWai. Eles foram percebendo que não precisavam dos WaiWai para se relacionar com os brancos, os verdadeiros donos das mercadorias. Foram aprendendo que ser índio, ser WaiWai, ser *Karapauyana*, tudo isso é um mecanismo para se relacionar com os brancos.

Passado um tempo, os WaiWai passaram a ensinar para eles novos modos, dizendo que estavam vivendo de forma errada e eles tinham que obedecer todas as regras que os WaiWai iam impondo. Não poderiam mais morar todos juntos na mesma casa como antes, não estavam de acordo por vários motivos.

“Para nós falaram de divisões, também disseram para mudar as nossas vestimentas que não fazia parte do que eles consideravam certo” (i.p. PARARAKA, 2017).

Pois eles foram compreensíveis aos seus pedidos, queriam estar de acordo com eles, o melhor para os *Karapauyana* já que estavam vivendo entre os WaiWai. Mas eles não estavam gostando daquelas atitudes, por estarem querendo mudar os seus modos de ser. Os *Karapauyana*, por outro lado, não sabiam que os WaiWai estavam evangelizando os outros, pois eles não sabiam que ser índio seria ser superior a eles, não foi essa impressão que tiveram no primeiro momento da aproximação WaiWai.

... não sabiam que os WaiWai tinham um contato com homem branco, e com escola da missão evangélica, depois de um tempo ficaram sabendo que os WaiWai foram responsáveis deles perder de vista seus parentes que estão lá na floresta (idem).

O velho “Igarapé limpo”, *Pararaka*, mostra que a vida que levava no igarapé, longe dos WaiWai, era melhor para ele. Diz também que não sabia que os WaiWai mantinham contato direto com o homem branco, o dono das mercadorias que os WaiWai se apropriaram. Ele percebeu mesmo tudo isso e também falou com muita clareza que agora ele sabia de muitas coisas.

... Eu não sou Karapauyana, foi seu avô Ewka e o seu tio Macarwe que me chamou com esse nome. Eu sou mesmo WaiWai de verdade (idem).

Eu fiquei muito surpreso com aquela afirmação, mas depois entendi que ele queria me dizer que não precisava de nós, meu avô e nossos parentes, para transformar seu modo de ser, nem pelos WaiWai, nem pelos brancos. Ele sentia falta da vida que levava no Igarapé *Yukutu*, queria reencontrar seus parentes que ainda vivem por lá, fazer suas comidas, suas festas, suas bebidas, levar a vida do modo deles.

Apontamentos finais

Em agosto de 2016, como vimos, estive realizando minha pesquisa junto a Pararaka que morava com os WaiWai na *comunidade Xaari*, Terra Indígena do Anaúá. Meu interesse centrou na busca de informações sobre seus conhecimentos e modos de ser *karapauyana* entre os WaiWai. É claro que no coletivo esse mesmo grupo não pode ser considerado como um *karapauyana*, pois nesse caso todos são WaiWai, um povo da família linguística karib. A *comunidade Xaari* tem aproximadamente 106 pessoas e é composta por vários agrupamentos diferentes: *Xereuyana*, *Katwenayana*, *Mawayana*, *Macuxi* e os *Karapauyana*.

A ida dos *Karapauyana* para o Mapuera, em meados dos anos de 1980, na companhia de Ewka acabou gerando mais uma dispersão, tanto deles quanto dos WaiWai. Nem todos estavam de acordo com que Ewka estava fazendo, por isso também o fato de várias outras *comunidades* serem fundadas, por que com a presença dos *Karapauyana* não seria muito bem-vindos para todos. Aqueles que acompanharam os WaiWai para o Mapuera também residiram nesse local por cerca de dois anos e, descontentes com o novo local de moradia devido às mortes e saudades dos que ficaram na mata, exigiram o regresso para as cabeceiras dos rios Baracuxi e Jatapuzinho. Assim, um grupo de WaiWai do Mapuera, liderado por Kîrînu, filho de Ewká, juntamente com Pararaka e seu grupo, retornam para as cabeceiras do igarapé Yukutu e, mais tarde, fundaram a *comunidade Jatapuzinho*.

Em 1985, outras famílias saíram do Mapuera, liderado por Ewká, para se juntar aos que tinham ido viver no Jatapuzinho. Na segunda metade da década de 1980, a aldeia Kaxmi do rio Anauá, foi totalmente abandonada; uma parte de sua população foi para o Mapuera, e a outra parte foi para o Jatapuzinho. O rio Anauá volta a ser ocupado na primeira metade da década de 1990, em parte pelas pessoas que tinham retornado do rio Mapuera. Os *Karapauyana* já haviam saído da *comunidade Jatapuzinho* e tinham ido viver na *comunidade Cobra*, na margem direita do rio Jatapú, mais próximos das vilas dos brancos e depois decidiram ir para o rio Anauá, na *comunidade Xaari* onde vivem até hoje. O que aconteceu depois que um dos filhos de Pararaka se casou com uma moça da *comunidade Anauá*.

Os *Karapauyana*, fica claro, não tem um lugar permanente para suas moradias, não vivem em um só lugar durante muito tempo, mesmo depois de serem “Waiwaizados”, sempre estão mundando para outras *comunidades*, isso mostra mais uma vez que nunca se separam inteiramente de seus filhos e netos. No entendimento dos mesmos, o filho mais velho e que deve assumir o lugar de líder quando um líder morre, por isso o filho de

Pararaka agora deverá assumir o lugar de seu pai e comandar as cinco famílias do seu grupo.

Há muitos anos, antes mesmo de conhecer estes povos que hoje e conhecido como WaiWai, sempre sabiam da existência destes grupos, pois eles não eram um povo da Guiana. Sempre estavam de passagem rápidas por ali, quando os missionários chegaram e começou adaptar esse novo modo de viver que chamaram de WaiWai. Aqueles grupos eram conhecidos por suas expedições na floresta, eles andavam muito longe e mantiam laços de casamentos entre muitas daquelas das casas espalhadas. Antes mesmo de serem tratados como os WaiWai, antes mesmo dos protestantes americanos se instalarem junto a eles, eles não tinham um nome específico para juntar todos como e chamado hoje de WaiWai. Antes eles não eram WaiWai. Os *karapauyana* conheciam os WaiWai como Mayamnî (povo manso), manso pelo fato de que eles faziam muitas trocas pacíficas entre eles.

Os WaiWai, portanto, é esse povo que possui uma mesma história de transformações. Esses que um dia foram “isolados”, “não-vistos”, que se encontravam nas cabeceiras de afluentes dos rios Esequibo, Jatapu, Mapuera... eramos nós mesmos. Os próprios *Karapauyana* não concordam muito com essa ideia de povos isolados, eles nem sabem o que realmente é ser isolado, todos os que moram na floresta nunca ficaram isolado. Ali, em *etamiri/centro* ou casa como era chamada por eles, sempre foi um lugar central de Pararaka e seu grupo e todos sabiam muito antes de Ewka chegar lá com a proposta das novas transformações. Com essas novas transformações

“Os WaiWai não sabem o que dizem sobre nós, não estão nem aí pra nós, fizeram nós de coitados, como um povo que não sabe se desenvolver, só por que fomos descoberto por eles. O que eles não entendem e que um dia eles foram descoberto também, e do termo WaiWai adotaram um nome para identificar eles... nós não concordamos, somos WaiWai de verdade porque chegamos depois” (I.p. WAKARA POOSU 2016).

A ideia de ser *karapauyana* entre os WaiWai é ruim, como se fosse sinônimo de atrasado, não é fácil viver assim no meio dos WaiWai. Antes, em *karapa tho* no afluente do rio Jatapuzinho, onde vivia o grupo de Pararaka eles se sentiam vivendo em maior harmonia entre eles. É o que eles falam quando se trata desta questão de ser *Karapauyana* hoje.

Não sou Karapauyana. Karapauyana não era gente antes, diante desse nome, esse nome não faz bem pra nós, ele só atrapalha a nossa imagem, como Karapauyana não consigo algo próprio para

mim, ate quando os Prefeitos e governos dão algo para as pessoas esquecem dos Karapauyana por isso e ruim ser karapauyana no meio dos WaiWai” (i.p WAYAMARI TRAIRÁ 2016”).

Somos Waiwai, vocês que me chamaram de Karapawuyana

Pararaka foi o líder dos *Karapauyana* na *comunidade Cobra*, mesmo sabendo da existência de *Kayaritomo* (Tuxaua), liderava os cinco familiares que moravam junto a ele. Desde que foi levado por Ewka para a *comunidade Mapuera*, depois para o *Jatapuzinho*, em seguida para a *Cobra* e de lá para o *Xaari*. Esses lugares onde tiveram passagem foram fundamentais também para aqueles que moravam nessas *comunidades*. A trajetória dele e seu grupo a partir da ideia de serem *Karapauyana* entre eles nunca lhes pareceu boa. O nome se tornou ruim, tanto para aqueles que aceitaram essa ideia de “gente não vista” como para as gerações de *Karapauyana* que estão em processo de construção dessa ideia de ser WaiWai.

Pararaka na língua *Karapauyana*, como já vimos, significa “água limpa de igarapé”. Esse nome sempre foi passado de geração a geração entre os grupos de famílias que Pararaka liderava. Como ele mesmo disse.

“Meu avô era um Xamã, meu Pai e eu também era xamã, ao contrário de xamãs WaiWai que se comunicava com os animais e outros seres, no nosso caso comunicávamos com seres da água, com peixes pequenos e grandes... por que de lá que vem todas verdades para os ditos Karapauyana... por que os rios e igarapés não vivem sem peixes assim como a floresta não vive sem os animais... (i.p. Pararaka 2017).

Nessa conversa sobre o que ele pensava dos WaiWai, contou que eles não sabiam que eram *Karapauyana* como hoje são chamados. Por mais que eram da floresta nunca outros povos os chamaram por esse nome. Isso me permitiu fazer perguntas a cercas deles, já que não se considerava um *Karapauyana*, essa ideia nunca se passou na memória deles enquanto viviam na mata longe dos WaiWai. Se existe os *Karapauyana* não são eles. Esse

nome veio surgir em 1980 quando foram levados para o Mapuera, um dos que afirmou isso foi Macarwe que também não era um WaiWai e que chamou todos aqueles de *Karapauyana* por conta de um ritual que diziam knei knei (som de um tambor das águas). A dança que eles apresentavam eram em formato de um círculo e com batidas nas águas que faz o eco se espalhar pelas florestas. Macarwe também disse que eles tinham um grito bem afinado. Mas para o velho líder Pararaka, como ele mesmo insistiu em me falar:

Nós não somos Karapauyana, nos não dançamos como Karapauyana, nós não preparamos nossas comida como Karapauyana, nós somos diferentes, nós falamos que somos WaiWai (i.p., 2016).

Nesse sentido, percebo que nem eles mesmos sabiam se identificar como acontece hoje, pois essa afirmação por parte deles não representava o que eram. Traduzir o significado da expressão *Karapauyana*, mesmo com a ajuda do velho Pararaka é bem difícil. Pergunto-me, de onde veio esse nome que adotaram para identificar o povo daquele lugar? Hoje todos são conhecidos por todas as gerações de WaiWai e não WaiWai, como *Karapauyana*. Para a compreensão dos WaiWai, eles são considerados por todos como um povo que ainda deve aprender com os WaiWai, aquele que deve aprender ainda como nós, aquele povo que chegou por último para morar junto a nós. Os WaiWai pensam e imaginam isso sobre os *Karapauyana*.

“O que eles não entendem que para ser um WaiWai e chegar depois, para ser WaiWai e deixar de ser Xereuyana, Katwenayana, Mawayana, Hixkariyana, e assim que deve ser para ser um WaiWai” (idem).

Há muitos anos, antes serem *karapauyana*, em karapa onde tudo começou, há relatos que afirmam que eles já eram misturados com outros grupos. Moravam nas cabeceiras do rio Essequibo, onde a concentração de Paríkwoto era maior, o povo guerreiro que atacava todos. Os *Karapauyana* podem ser considerados como um povo de mistura muito antes do tempo em que foram viver junto aos WaiWai. Sempre foram misturados entre outros. Com os relatos que busquei, esse grupo tem uma história que me chamou atenção. No meio deles tem um Xereu e um Paríkwoto. Assim, como os WaiWai tiveram suas transformações ao longo do período, eles também tiveram as suas.

Os *Karapauyana* como são ditos hoje, também eram temidos por outros grupos, o que se sabe e que também já tinham contato com outros vizinhos. Mas não eram conhecidos como um grupo que troca objetos com outros, isso dificultava a nossa presença no meio desses que já tinham relação com outros. Por isso até hoje é difícil ver algum deles trocando mercadoria.

Na conversa tratada a respeito sobre a existência de *karapayana*, pergunto se realmente existe um *karapauyana*, a resposta parece a mesma dos WaiWai. Se existiram não são eles, ainda estão no mato perdidos. Nesse caso, a existência parece ficar um pouco distante segundo a compreensão deles. Se existiram já estavam misturado também como aconteceu com os WaiWai quando os missionários chegaram há setenta e três anos em *Yakayaka*.

Os WaiWai são muito bravo com os Karapauyana, eles não estão nem ai para um Karapauyana, e assim que eles tratam nós (i.p ... WAYAMARI -TRAIRA 2017).

Vejo agora que a história WaiWai não é muito diferente da história *Karapauyana*. Quando eu estava realizando minha pesquisa de campo em 2016 na *comunidade Xaari* junto a eles, tive o enorme prazer de conversar também com muitos WaiWai a respeito dos *Karapauyana*. Percebi que a resposta dada por parte das pessoas que se consideravam WaiWai, quase todos disseram que os *Karapauyana* estão separados por que não se acostumam no meio dos WaiWai. Por isso os *Karapauyana* nunca representaram os WaiWai, isso é sinal de que eles não aceitam essa ideia de serem WaiWai como todos.

Seus pequenos aglomerados que estão no meio dos WaiWai significa no entendimento deles que são “WaiWai puros”, e todos daquele aglomerado se dizem ser WaiWai e não *Karapauyana*. O termo *Karapauyana* para eles mesmos, parece que não importa muita coisa e quando pensam no significado que os WaiWai tentam dar eles rejeitam e não gostam. Não se sentem inferiores aos WaiWai só porque chegaram depois para conviver com os brancos, para o líder Pararaka todos somos gente.

“se somos Karapauyana que seja para aqueles que acreditam que somos, se somos Karapauyana que seja apenas no imaginário dos WaiWai , aquilo que desejam chamar”.(...i.p... PARARAKA 2016).

“Os WaiWai ainda não entenderam que não somos Karapauyana como e falado entre as pessoas que visitam as comunidade. Seja os WaiWai da Guiana, Mapuera, kasawa entre outros, parece que para eles não existem e não significa que são Tooto/”gente”, (idem).

Pararaka mostrou, finalmente, que ele e seu grupo tinham uma origem, o lugar de onde eles vieram para viver na terra. E isso, como vimos, tinha relação com água e peixes, por isso os nomes deles eram também os nomes dos peixes.

Nomes das pessoas do grupo de Pararaka

Pararaka – Payawa	Tuuna pararamutwem	Igarapé com água limpa
Wakara-	Poosu	Curimatã
Waykarawa	Warakaka	Mandí
Pooreciwi	Poore	Bodó
Wayam	Wayamari	Traíra
Matuhta	Puxa	Matrixã
Makouri	Tîrpo	Cará

Todos os *Karapauyana*, como os WaiWai conhecem hoje, seguiram uma trajetória que seus ancestrais deixaram. Com a chegada dos WaiWai, como aconteceu em 1949 em *yakayaka* com esses que agora são os WaiWai, todos se transformaram e suas histórias tiveram que ser interrompidas, silenciadas e esquecidas. Como informava o líder Pararaka,

Todos usam nomes de peixe por que nossos ancestrais eram descendentes de peixes, eles moravam no fundo do rio, por isso que temos esse nome baseado nos peixes.

Parece que essa ideia de contar um pouco a respeito de suas origens sempre existiu o que acontece e que a maioria das pessoas não se preocupa com a nossa história. Por mais que hoje somos todos WaiWai, “cristãos”, “evangélicos”, “irmãos”... Existem particularidades entre nós. Os *Karapauyana* é um bom exemplo disso, e essa história que o finado Pararaka me reatou agora pode ser repassada para seus filhos e netos. Mas não só, agora essa história

também pode ser contada para todos os WaiWai e todos aqueles que quiserem saber sobre eles. E, gostando ou não, saberão que somos todos “misturados”, sempre fomos.

BIBLIOGRAFIA

CLASTRES, P. (1974 (1978)). *A Sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

DIAS Jr. C. M. (2005) *Entrelinhas de uma rede. Entre linhas Waiwai*.
_____ (2008) *Trajetórias e construções sociais entre os povos Waiwai da Amazônia Setentrional*, Revista *Tellus*, Ano 8. Número 15. Jul/dez.

FARAGE, N. . *As muralhas dos sertões: os povos indígenas no rio Branco e a colonização*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra / ANPOCS, 1991. v. 1. 197p .

FOCK, N. (1963). *Waiwai: religion and society of an Amazonian tribe*. Copenhagen: The National Museum.

HORWARD, C. (1993). Pawana: a farsa dos visitantes entre os Waiwai da Amazônia. In: E.VIVEIROS DE CASTRO, & M. C. CUNHA, *Amazônia. Etnologia e História Indígena*. São Paulo: NHII-USP, FAPESP.

_____ *Wrought identities: the Waiwai expeditions in search of the “unseen tribes” of Amazonia*, Chicago Illinois, 2001.

JÁCOME, C. (2011). *Pelo rio Mapuera. Reflexões sobre arqueologia e etnologia indígena na Amazônia e Guiana*, UFMG.

QUEIROZ, R. C. (1999). A saga de Ewká: epidemias e evangelização entre os Waiwai. In: R. M. WRIGHT, *Transformando os Deuses - Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil* (pp. 255-284). Campinas: Editora da Unicamp.

_____ (2008). *Trombetas-Mapuera – território indígena*. Brasília: FUNAI-PPTAL.

OLIVEIRA, L. V. (2010). *O cristianismo evangélico entre os Waiwai: alteridade e transformações entre as décadas de 1950 e 1980. (Dissertação de Mestrado)* . Rio de Janeiro: Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RIVIÈRE, P. (1984 [2001]). *O indivíduo e a sociedade na Guiana*. São Paulo: EdUSP.

VIVEIROS DE CASTRO, E. (2002). *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo, Cosac & Naif.